Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



MARIA DA GRAÇA, ingénua n.º 1 do CINEMA PORTUGUÊS, vai interpretar um papel de relêvo na comédia «O PAI TIRANO»

2.ª SÉRIE — N.º 28 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 19 DE MAIO DE 1941 — PREÇO: 1$50

Joan Crawford
no papel mais original da sua carreira

direcção de
George Cukor



"As teorias de Susana"
(Susan and God)

uma grande comédia da

Metro Goldwyn Mayer

Susana dizia:

«A Civilização deu cabo do Amor!...»

os amigos de **Susana** comentavam:

«A pobre Susana perdeu a cabeça!...»

e todos dirão de **Susana:**

«É a maior criação de **Joan Crawford** — **Fredric March** continua a ser um dos maiores galãs da tela. **As teorias de Susana** são o maior espectáculo de gargalhada que o cinema tem concebido!!!»

Opiniões dos amigos de **SUSANA**:

FREDRIC MARCH *(Barrie)* — «Susana é minha mulher! Mas vejo-a tão poucas vezes que já não tenho a certeza de ser marido dela!»
RUTH HUSSEY *(Carlotte)* — «Susana é casada com o homem que amo. Não lhe liga importância nem o deixa livre para casar comigo!»
JOHN CARROL *(Clyde)* — «Susana... Só a conheci uma vez, mas deixou-me abismado com o que me fez! É uma mulher perigosíssima!»
RITA HAYWORTH *(Leonora)* — «Susana!... Há quem não goste dela. Mas eu adoro-a porque Susana foi para mim uma verdadeira mascote!»
NIGEL BRUCE *(Hutchie)* — «Susana não tem o juízo todo! Fez com que minha mulher me deixasse por outro homem. Odeio Susana!
BRUCE CABOT *(Michael)* — «Susana tem boas teorias. Graças a elas, compreendi que o meu casamento com Irene era uma asneira!»
RITA QUIGLEY *(Blossom)* — «Susana é minha mãe; mas o pai diz que é o mesmo que não ter mãe!... E eu tenho muita pena dela!»
ROSE HOBART *(Irene)* — «Susana é uma criatura odiosa. Fingiu ser minha amiga e fez com que o meu noivo casasse com outra!»



2.ª série / N.º 28 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

19 de Maio de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO VAI PRODUZIR E ENCENAR

"O PAI TIRANO"

UMA COMÉDIA RISONHA, QUE TERÁ POR PROTAGONISTAS

VASCO SANTANA E RIBEIRINHO

O Cinema Português continua! Sempre que «Animatógrafo» tem ensejo de o verificar, essa frase é, em nossa bôca, um grito de alegria.

Soltámo-la quando, logo no primeiro número, anunciámos a produção de «Pôrto de Abrigo». Chamamo-la, quando pudemos anunciar, como coisa certa, a produção de «Lôbos da Serra» e de «Ala Arriba!».

É natural, portanto, que voltemos a proclamar alegremente essa verdade consoladora, quando sabemos — e da melhor fonte... — que António Lopes Ribeiro vai produzir um novo filme português.

O facto de António Lopes Ribeiro dirigir e editar êste jornal, coloca-nos numa posição aparentemente delicada. Mas só aparentemente. E isso porque a disciplina que tôda a redacção se impôs ao aceitar o encargo de redigir o único semanário português de cinematografia facilita extraordinàriamente a nossa missão.

«Animatógrafo» nasceu para servir honestamente, a causa do Cinema. E, dentro do Cinema, como não poderia deixar de ser, o Cinema Nacional ocupa o primeiro plano das nossas preocupações.

E pregunta-se: seria servir honestamente o Cinema Nacional se «disfarçassemos» ou ignorassemos *escrupulosamente* as produções — que Lopes Ribeiro viesse a realizar?...

Mas numa coisa se distinguirá a maneira de tratar os filmes que êle faça e a maneira de tratar os filmes dos outros realizadores: a ausência completa de adjectivos à volta do nome que assume a responsabilidade total de os «pôr em pé».

Só Inácio da Purificação tem licença para chamar ao nosso director qualquer nome — inclusivamente nomes feios... Como sabem, êle começa sempre as cartas com um mimoso qualificativo: «Abalizado Director», «Extraordinário Director», «Enérgico Director», «Insinuante Director»...

Depois, ninguém mais do que nós tem a consciência de que um filme *nunca* é uma obra individual, com que possa enfeitar-se uma única pessoa — mas sim obra de colaboração, estreita, completa. Todos os artistas, técnicos e artífices que contribuem para que um filme seja possível são, dum modo ou de outro, mais directa ou mais indirectamente, seus «realizadores» pois todos foram necessários a que êle se realizasse. Esta noção, que se perde com freqüência, será lembrada em todos e em cada um dos artigos, notícias, anúncios, fotografias que, inevitàvelmente, aparecerão no «Animatógrafo» — sem que, no entanto, por se tratar duma *fita da casa*, tirem o lugar que merecem as produções nacionais. E quanto mais vierem *concorrer*, como se diz, com o êxito que esperamos — atendendo aos elementos que foi possível reünir — mais radioso aparecerá, em cada semana, o «Animatógrafo».



Ribeirinho, que no cinema só tem trabalhado sob a direcção de António Lopes Ribeiro, vai reaparecer num novo filme dirigido por seu irmão. Mas a importância do seu papel — um amador dramático — suplantará em muito a do «Barata Boateiro» e a do «Chico do Austin»

Uma comédia alegre

Decidiu Lopes Ribeiro enveredar francamente pelo cinema alegre, por ser decerto aquele que mais convém aos tempos que vão correndo e, sem dúvida, o que se adapta ao feitio dos nossos melhores actores — que são, na sua grande maioria, actores cómicos. E são mais: são grandes, são espantosos actores cómicos.

Estêvão Amarante, António Silva, Nascimento Fernandes, Manuel Santos Carvalho, Armando Machado, e tantos outros, cujos nomes se não omitem com qualquer intenção, mas porque receamos ser injustos para qualquer que, não o merecendo, nos escapasse.

E dois dos melhores de entre êles vão desempenhar os primeiros papéis masculinos da comédia que A. L. R. vai dirigir: Vasco Santana e Ribeirinho.

O argumento, da autoria do produtor e realizador, está a ser planificado e dialogado com a colaboração dos dois intérpretes principais, que também são autores dramáticos.

Ribeirinho, amador dramático

Ribeirinho, o criador do *Barata Boateiro* da «Revolução de Maio» e do *Chico do Austin* de «Feitiço do Império», vai ter, pela primeira vez no cinema, um papel à altura dos seus méritos e da sua popularidade.

Ribeirinho será o «galã» do novo filme que seu irmão realiza. Um galã cómico, é claro e, ainda por cima, caixeiro e amador dramático. É um meio infinitamente interessante e pitoresco, o dos amadores dramáticos; e completamente inédito em cinema. Não se pretende, aliás, ridicularizá-lo, mas sim aproveitá-lo para ambiente dum conflito que só é possível entre «furiosos» da Arte de Talma.

O «Chico» — que assim se chama a sua personagem — é susceptível de interessar pela dose de fantasia que se lhe pretende

(Conclui na página central)





O «Modern Screen» descobriu a história dos campeões do divórcio de Hollywood. Não fala de Charlie Chaplin nem de outros assim e lá tem as suas razões... Na lista publicada por aquela revista, John Barrymore e Constance Bennett aparecem à cabeça com 4 divórcios cada. Kay Francis e Miriam Hopkins seguem-se-lhes com 3. (Nisto de divórcios, as mulheres dão cartas!...) George Brent é o quinto, com um divórcio e 2 casamentos anulados.

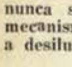


Greta Roan, formosa actriz austríaca foi contratada para um pequeno papel em certa produção americana, mas, com grande surprêsa sua, constatou que... não chegou a aparecer na fita, quando a apresentaram na noite de estreia. Reclamou junto dos produtores para que tornassem a colar as cenas cortadas, mas não foi atendida. Desesperada por não possuir dinheiro para gastar com a justiça, Greta Roan mandou um ultimato aos estudios, mais ou menos concebido nestes termos: «se não me fazem a vontade, vou sentar-me, todos os dias, à porta dos estudios e, em cada dia, com menos uma peça de roupa, até me apresentar como Eva no Paraíso».

À data em que redigimos estas linhas, ainda se não sabem os resultados, que, decerto, muito deveriam depender da quantidade de roupa usada por Greta Roan.



Enrique Perdices, em *Cinema*, jornal cubano de que é director, escreve, àcêrca de publicidade: «... parece que os exibidores se esqueceram de que mais vale intrigar, que descobrir, antes do tempo, tôdas as boas ou más qualidades da produção que vão apresentar. O público, que é como as crianças, deve ser animado, promotendo-lhe e impacientando-o... mas nunca se lhe deve descobrir o mecanismo do «joguete», porque a desilusão se apoderará dêles».



Segundo uma informação do Censo dos Estados Unidos, a população da grande nação americana gasta, anualmente 1.000 milhões de «dollares» em divertimentos. (1.000 milhões de «dollares» equivalem a 25 mil milhões de escudos ou 25 milhões de contos). Há, em todo o território, 45.000 lugares de divertimentos, dos quais 15.151 são salas de espectáculos teatrais, cinematográficos e de variedades, cujas receitas anuais ascendem a 675 milhões de «dollares». Das mesmas informações consta que cada família americana gasta, em média, por ano, 30 «dollares».

REFLEXÕES

POR ANTÓNIO CARVALHO NUNES

Se fôssem apresentados entre nós filmes japoneses, passada a primeira hora de curiosidade em volta do exotismo ou da extravagância dos motivos, logo o cansaço e a incompreensão se manifestariam.

Porquê? Ùnicamente por se tratar de filmes japoneses, isto é, por terem sido concebidos e sentidos com uma alma diferente da nossa.

Nós só podemos compreender e sentir os filmes estrangeiros na medida em que êles nos pertencem — naquele mínimo de humanidade de que informam.

Não é esta a melhor explicação da imperiosa necessidade do Cinema Nacional?

* * *

Cabe às Câmaras Municipais uma função importantíssima, que excede as meras preocupações administrativas: dirigir e orientar tudo o que se relaciona com o desenvolvimento moral, espiritual e material dos respectivos Municípios.

Abrir escolas, creches, asilos, balneários, museus...

E porque não cinemas — nos centros de maior população onde êles não existam ou tenham o seu lugar mal preenchido?

Faz lástima saber que por êsse país fora os filmes portugueses se apresentam completamente estropeados, vítimas duma projecção mais do que deficiente.

Infelizmente se tal função excede as meras preocupações administrativas, não pode no entanto abstrair-se delas...

No último número do «Animatógrafo», João Mendes deu a boa nova da criação do Clube Português de Cinema de Amadores.

O absorvente profissionalismo deu à palavra amador o perfume das flores raras...

Demais, se dois oficiais do mesmo *ofício* apertando as mãos com sinceridade causam o pasmo em redor, a associação de esforços no mesmo sentido útil deve despertar franco regosijo.

Muito cuidado agora com o mal que ataca a mais singela das sociedades de recreio: a fatalidade rácica das dissidências!

Mas os tempos — graças a Deus — vão sendo outros.

Benvindo seja o Clube Português de Cinema de Amadores.

* * *

Mais de setenta artistas tiveram já o sumo prazer de deixar as suas impressões... pessoais no cimento do vestíbulo do Grauman's Chinese Theatre. Alguns condesceram, para tanto, em pôr as mãos no chão.

Depois disto que mais há-de desejar o simples mortal?!

O facto é que a consagração desperta estímulos e invejas.

O senador Pepper, mostrando uma juventude arrebatada e inadequada ao seu cargo, quiz provocar além doutros favores, os da Glória.

E vai daí atolou pés e mãos no asfalto, convencido que excedeu a interpretação de Claude Rains no «Senador Paine» do «Peço a Palavra!».

Admirável aquela «antecipação» de Capra.

Pode considerar-se sensacional a reportagem fotográfica dada pela nossa revista, em primeira mão, do casamento da encantadora Deanna Durbin.

A notícia do auspicioso enlace foi transmitida por diversas agências telegráficas que assim distrairam a atenção, por momentos, do panorama da guerra. Um verdadeiro acontecimento internacional.

Pelas gravuras publicadas (não fomos convidados) a cerimónia teve aparato, talvez até demasiado aparato.

Nisto de casamentos Hollywood está como nós estavamos em tempos que já lá vão: festeja-se com muito ruído o lançamento da primeira pedra...

Não seria mais prudente comemorar o primeiro aniversário?

* * *

A boa farsa das preseguições movimentadas e dos chapéus amolgados, vai perdendo a tradição.

E é pena, porque faziam deveras rir: os hepáticos hoje em dia formam legião.

Até o Charlot deixou a pouco e pouco amarelecer o sorriso, e o sorriso amarelo deixa os americanos desconfiados...

Por isso o anúncio do filme de Harold Lloyd interessou os cinéfilos, embora o simpático cómico desempenhe apenas, e a sério, o papel de homem-sombra.

Mas está de qualquer forma presente — nas gargalhadas do público.

UM NOVO PROCESSO

O filme largo pode vir a revolucionar a indústria do cinema

Pode, sem receio de exagerar, dizer-se que após as imagens terem começado a movimentar-se em frente dum écran, reproduzindo a vida por milagre da luz, desde logo se procurou dar a essas imagens uma mais vasta superfície e uma maior amplidão.

De facto, os próprios irmãos Lumière, cinco excassos anos depois de terem construído e apresentado na Europa o seu «cinematógrafo» na cave, desde então célebre, do Salão Indiano (propositadamente dissemos «construído» o seu cinematógrafo e não «inventado o cinema», pois que se à eclosão da projecção, num écran de imagens animadas se pode considerar invenção do cinema, essa primazia pertence exclusivamente ao americano de Indiana C. Francis Jenkins, que um ano antes dos cientistas de Lyon fazia projectar pela primeira vez, em Richmond, as imagens fotografadas num filme de celuloide perfurado, precisamente semelhante ao usado hoje ainda), diziamos nós que Louis e Auguste Lumière, em 1900 apresentaram pela primeira vez, por ocasião da Exposição Universal de Paris, o primeiro filme largo, de formato exactamente duplo do normal.

Depois, bastantes anos mais tarde, Abel Gance, um nome que é de justiça colocar entre os de maior relêvo de sua época, para tirar determinado efeito cinematográfico de certas seqüências do seu monumental filme «Napoleão», fazia projectar três filmes em outros tantos écrans, colocados uns ao lado dos outros, acontecimento que por certo, muitos não esqueceram ainda, depois de o terem visto no São Luiz.

«Filme Grandeur» e C.ª

Não fica contudo por aqui êsse desejo dos homens de Cinema de se libertarem do forçado acanhamento, que segundo afirmavam, a imagem vulgar impunha. Desta vez são os Estados Unidos que reagem e é uma companhia, a Fox, que por volta de 1929 procura actualizar a ideia dos Lumière, de princípio do século.

É assim que nasce o *Grandeur Film, de 70* milímetros. «The Bat Whispers» é o primeiro filme realizado segundo tal processo, seguindo-se-lhe um outro, de ambiente árabe, «Kismet», que o grande actor do teatro americano Ottis Skinner interpretava pela 2.ª vez, aparecendo a seu lado, também, Loretta Young, no início então da sua carreira. À Fox se seguiu a Paramount com o seu «Magna Film» de 40 milímetros e a RKO com processo «Spoor Berggren», utilizando uma película de 45 milímetros.

Como fàcilmente se compreende, a sua exibição, como antes a filmagem, exigia a instalação de aparelhagem especial em substituïção dos aparelhos normais, e forçosamente muito mais despendiosos. A reacção dos exibido-

(Continua na pág. 18)

Uma palestra radiofónica sôbre o cinema nacional

Com a agudeza e verdura que sempre caracterizam os seus ditos e escritos, o Sr. Doutor Agostinho de Campos ocupou-se na sua habitual palestra radiofónica da produção nacional.

Intitulava-se tal palestra «Educação e Cinema». E como a muita gente pode ter escapado (por terem o mau gôsto de não ligar sistemàticamente o seu receptor tôdas as quintas-feiras, às 9 de noite, como nós fazemos) tão importante e justa prelecção, aqui lhe damos o contexto essencial.

Começou o ilustre professor por enumerar as cifras fabulosas ganhas pelos produtores e pelos artistas americanos, para concluir que o que lhes sobeja falta a muita honrada família, pois os seus proventos são da ordem dos 2 contos à hora, nuns, dos 15 contos por dia, noutros. Embora não deduzisse o que lhes roe o fisco — e que chega a ultrapassar largamente a metade de tais cifras e a atingir 75 % dos totais citados — é indiscutível que o Professor A. de C. tem carradas de razão quando diz que não há direito, porque tudo o que é demais é de mais.

«Ora ¿quem paga os rios de dinheiro que correm sem cessar para o mar sem fundo da cinematografia industrial transatlântica?...» O povinho, responde o douto palestrador, o povinho que vai ao cinema. E a trôco de quê? Duma universalizada «maneira de passar o tempo» que traz inconvenientes para a educação «principalmente nos países que recebem o cinema todo cozinhado de fora, e não têm meios técnicos (e financeiros) de defender a sua alma nacional».

Por esta passagem, e outras de igual teor, é que não temos rebuço em afirmar que a palestra do Professor A. de C. é «sôbre Cinema Nacional» e lhe presta um altíssimo serviço.

É que se torna, tal como êle disse, indispensável criar imediatamente um Cinema Português, que será talvez pior que o de Hollywood sob o ponto de vista técnico, mas que será sem dúvida mais conveniente para a formação da nossa gente. Só assim se poderá compensar o efeito produzido em milhares de espíritos por essa «invasão estrangeira do que se mete pelos olhos e pelas almas dentro, e onde não perpassa nem vislumbre do nosso carácter, nem relâmpago da nossa história, nem calor do nosso patriotismo, nem sôpro do nosso génio colectivo».

Só o Cinema Português pode conter tudo isso — e daí resulta que É PRECISO CRIÁ-LO e que URGE criá-lo!

E não nos venham cá dizer que não podemos fazer no Lumiar o «Correspondente de Guerra» ou a «Balalaika»! Não poderemos. Mas não é disso que interessa fazer para que se veja no nosso país, nem influa na educação da nossa gente. E, se repararmos bem, nem é disso que interessa à Arte Cinematográfica, embora possa interessar aos que com ela negociam.

Tal como nós, também o Prof. A. de C. não desespera do remédio possível — e FÁCIL, acrescentaremos nós.

«... remédio que há-de vir, mais dia menos dia, pois uma governação inteligente, posta ao serviço do instituto de conservação colectiva, achará por fôrça meio e modo de resolver as duas faces dêste problema importante: o Cinema, coisa que se infiltra como nenhuma outra nas inteligências simples e nas imaginações ingénuas, tem de servir não só para divertimento de portugueses, mas também para educação portuguesa; e, por outro lado, é preciso pôr algum travão à liberdade que actualmente assiste ao cinema estrangeiro, de desnacionalizar, e portanto deseducar, as almas simples, ingénuas e maleáveis do nosso povo e da nossa mocidade.»

Estamos seguros de que assim será.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

PANORÂMICA

CIRCE e o nosso Clube

Não tem sido inútil, graças a Deus, a nossa desinteressada campanha a favor duma aproximação cinematográfica luso-espanhola. As vantagens dessa aproximação saltam aos olhos de todos os que se interessam verdadeiramente pelo futuro do nosso Cinema — e que são bem poucos, valha a verdade.

Mas a êsses poucos resta-lhes a consolação enorme de ver que o seu apêlo e os seus intentos são compreendidos e acarinhados exactamente por aqueles que, em Espanha, podem — e querem — tornar efectivo um acôrdo de larguíssimo futuro. Falta só encontrar em Portugal quem *possa* fazê-lo, porque já há quem *queira*.

Vem comprová-lo mais uma vez um telegrama que nos mandou o nosso querido amigo Manuel Augusto Garcia Viñolas, chefe da Secção de Cinematografia Nacional de Espanha e director da revista «Primer Plano». Recebemo-lo pouco depois da primeira sessão do Clube do Animatógrafo e diz assim:

CIRCE (CIRCULO CINEMATOGRÁFICO ESPANHOL) CELEBRA INAUGURACION CLUB ANIMATOGRAFO. FELICIDADES.
GARCIA VIÑOLAS

A Direcção do Clube do Animatógrafo agradeceu, também telegràficamente, e renova neste lugar os seus agradecimentos.

Fotógrafos e Operadores

A propósito dum eco que publicamos no último número, escrevem-nos os fotógrafos profissionais João Martins e Carvalho Henriques, ambos sócios do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, duas cartas muito simpáticas, aplaudindo-nos. É natural que o façam, pois são directamente interessados no assunto. Mas o Cinema Nacional *também está interessado directamente*, e daí o reparo que fizemos, por não haver fotógrafos profissionais a acompanhar as duas equipas cinematográficas que estão filmando na província.

É que o Cinema Nacional precisa de boas fotografias, que o acreditem na publicidade, elemento indispensável do êxito.

Assim o fotógrafo deve ser companheiro inseparável do operador. E não fica bem aos operadores ou seus ajudantes prestarem-se a substituí-lo — tanto mais que nunca podem fazê-lo capazmente.

Uma fotografia de boa qualidade vale o melhor cartaz.

E quem considerar isso coisa de somenos — pode ter a certeza de que não percebe nada de filmes.

Bernardo Teixeira

Parte hoje para a América do Norte, como correspondente do «Animatógrafo» nos Estados Unidos, o sr. Bernardo Teixeira, nosso camarada no entusiasmo cinéfilo. De Nova Iorque e de Hollywood, onde tenciona demorar-se largo tempo, enviar-nos-á crónicas e notícias, a que o seu espírito juvenil e claro senso saberá dar, decerto, o interêsse que os nossos leitores reclamam e merecem.

Os exibidores e a lei

Foi publicado um novo Decreto-lei em que se castigam os exibidores que diminuiram os preços dos bilhetes para que êles não fôssem sobrecarregados com a taxa instituida a favor das vítimas do ciclone. Tal atitude — diz o relatório — constitui «fraude à lei e uma resistência disfarçada aos objectivos do Govêrno» assim, os exibidores são obrigados a pagar o que não quiseram que os espectadores pagassem, e que será calculado sôbre o número de bilhetes vendidos que sofrerem a imputada redução.

Há uma tendência funesta para não cumprir a lei, tendência que muitas vezes sai cara, quando menos se espera — e quando menos convém.

Talvez um dia surja uma supreza idêntica aos exibidores que fingem ignorar o decreto-lei n.º 29.351, que estabelece a obrigatoriedade de cotização para os Sindicatos.

Um Clube de Amadores

Conforme temos noticiado, está constituído o Clube Português de Cinema de Amadores, organismo que se propõe reünir e orientar todos os adeptos do filme de formato reduzido.

É uma iniciativa que merece aos profissionais o máximo incentivo, pois pode servir para a formação, não sabemos se de «competências», mas, pelo menos, de «entusiasmos». E nada mais necessário às coisas que começam! E nada mais imprescindível às coisas que começam, para que não acabem após o seu comêço.

Entusiasmo e dedicação — deveria ser o lema do novo Clube.

E de todo o Cinema Português, fôsse o seu formato.

O vício do Intervalo

Julgamos que o intervalo a meio dos filmes fôsse apenas um hábito — um mau hábito. Afinal — é um vício. Um vício inveterado — e horrível, como acontece fàcilmente aos vícios.

Quem o tem não são os espectadores: são os exibidores. E custa-lhes tanto a desfazer-se dêle como aos alcoólicos deixar de apanhar a sua piela cotidiana...

Até os que começam bem se arrependem. Vimos assim um filme (a que estamos ligados muito em especial) passar *sem intervalo* na primeira noite — e cortado ao meio na segunda e seguintes...

O melhor caminho, quando acontece uma coisa destas é seguir o conselho clássico: — Sorri e faz por esquecer.



A METRO-*GOLDWYN*-MAYER
apresenta, dentro em breve,
uma das melhores comédias produzidas em Hollywood

CINCO FILHAS PARA CASAR... poderia ser o título desta primorosa comédia, que nos relata a história dum casal modesto com cinco raparigas, dos 16 aos 24 anos, cada qual com o seu temperamento. Uma era **corajosa**, outra **tentadora**, a terceira **acanhada**, a quarta **impetuosa** e a última **prudente**. Cinco temperamentos diferentes, mas uma única ambição: um homem para casar. De dia, procuravam-no; à noite rezavam, a pedir a Deus que o enviasse!... A mais alegre **caça ao Homem** que se tem presenciado...

Uma das cinco filhas encontrou o homem dos seus sonhos. Então começou uma luta de vida ou de morte. Ela tinha o seu **orgulho**; êle os seus **preconceitos**; e o amor **tinha-os** a ambos!...

Uma nova história sobre o velho e eterno tema de um ÊLE e duma ELA! O amor riu-se d'ÊLE, quando ÊLE amou desesperadamente a ELA, de quem os seus preconceitos o afastavam. Era por isso que ELA tinha o seu **orgulho**.

GREER GARSON

A ADORAVEL E INESQUECÍVEL REVELAÇÃO DE «ADEUS, MR. CHIPS»

E

LAURENCE OLIVIER

O GALÃ ROMÂNTICO DE "REBECCA" E DE "O MONTE DOS VENDAVAIS"

EM

ORGULHO E PRECONCEITO

SOBERBA REALIZAÇÃO DE

ROBERT Z. LEONARD

ARGUMENTO CINEMATOGRÁFICO BASEADO NA CÉLEBRE NOVELA DE **JANE AUSTEN**

com MARY BOLAND — EDNA MAY OLIVER — MAUREEN O'SULLIVAN — ANN (Polly) RUTHERFORD — FRIEDA INESCORT — EDMUND GWENN — KAREN MORLEY — ETC.... ETC....

PRODUÇÃO DE **HUNT STROMBERG** para a METRO-*Goldwyn*-MAYER

Uma comédia cheia de romantismo, enquadrada num ambiente de sonho, nos velhos tempos de outrora, quando ÊLE mostrava todo o fogo da sua paixão ardentíssima... no beijo delicado e cerimonioso que dava na mão d'ELA... e ELA ruborescia, ao contacto atrevido dos lábios d'ÊLE!...

CINEMA PORTUGUÊS

A IMAGEM SÔBRE A CORTINA

Talvez pareça disparatado se lhes disser que gosto muito de Cinema — pois não fazia sentido o contrário, vivendo eu dentro dêle e trabalhando numa gazeta cinematográfica. Mas é como lhes digo e peço licença para não apagar do cabeçalho destas linhas a solene afirmação do meu acentuado amor à arte das sombras e dos sons.

Devo, porém, acrescentar — e isto, quem sabe? talvez por estar hoje num dia de *spleen* (palavra muito bonita e que supre com vantagem e elegância outra do nosso calão, adoptado nas salas e não sei se no Vocabulário da Academia) — devo acrescentar que, apesar de gostar de Cinema, não gosto de tudo quanto se passa no cinema. Não quero dizer com isto que me sinta molestado com certas coisas que se passam no mundo cinematográfico. Não. Os enlaces e os desenlaces de Hollywood deixam-me indiferente: não tenho o uranismo de correr atrás das vedetas ou dos realizadores: as obras cinematográficas interessam-me como obras cinematográficas — e por isso vou ao Cinema.

Ora, é justamente de certas coisas que se passam nas nossas salas de espectáculo que discordo e fico entediado. Submeto as minhas impressões à opinião do leitor e peço me responda com imparcialidade e franqueza.

Uma noite, fui a um cinema. O caso parecerá banal, demais que encontrei alguns centos de pessoas que tiveram inspiração igual à minha e compraram bilhete para o mesmo salão. Mas desta vez, tudo oferece aspecto novo.

Começou a correr o filme. Mas que projecção! De volta e meia, os carvões iam-se abaixo e a luz mudava de côr! Um arco-iris passou na tela. E para não desmerecer de tudo o mais, até o som, de vez em quando, desfalecia! Fiquei transido!

Outra noite, fui a outro cinema.

Não tenho por hábito pedir o programa desde que êles não ofereçam qualquer atractivo e se afastem das suas funções, mas o porteiro era resingão; um colega veio em seu auxílio; massacraram-me como se quisessem vender-me lotaria e, para não correr o risco de ficar sem a manga do casaco, decidi pagar e não aceitar o rectangulo de papel rescendendo a tinta fresca...

Dias depois, entrei noutro cinema e para que não me voltassem a ameaçar a manga do meu casaco, comprei voluntàriamente o programa. No primeiro intervalo, abri-o na página central e fiquei estarrecido. Debaixo do elenco, logo a seguir aos nomes de muitas e famosas estrêlas de Hollywood, havia o anúncio duma parteira diplomada, com a cruz negra ao lado e número de telefone...

Procurei melhor leitura mas diante dos meus olhos apenas bailava a fatídica cruz negra.

Volvido tempo, entrei noutro cinema. E tive de aturar, transido, durante a projecção do filme, um vivo diálogo travado nos corredores entre dois porteiros! Protestou-se; mudaram de poiso e continuaram, porque torna e porque deixa, e mais isto e mais aquilo, e a senhora fez e a senhora disse...

Passou tempo e voltei ao cinema.

E para que o azar continuasse, tornei a suportar o 2.º intervalo, que eu já não tinha visto noutros salões. E êle veio, todo chibante nos seus dez minutos de acotovelamentos nos corredores cheios de fumo...

E naquela noite (permitam êste início de frase, ao gôsto dos letreiros dos filmes silenciosos) e noutras noites que se sucederam, reparei com desprazer que, para cúmulo das arrelias causadas pelo segundo intervalo, uma ainda havia e bastante pitoresca: a imagem sôbre a cortina!

Estava farto de ver o contracenso que tomou foros de coisa preciosa, quási de «estilo» cinematográfico, digamos, mas nunca tinha atentado nele miùdamente.

E notei que a projecção nunca principia sôbre a tela, mas sim sôbre a cortina que muitas vezes demora a abrir porque o fio emperrou na roldana ou o empregado não agiu a tempo...

Ora aí está uma ideia! principiar a projectar sôbre a musselina ondelante e que nos rouba um plano do filme, muitas vezes um plano importante, como seja um «insert» — um letreiro, uma carta, um documento que tem importância para o seguimento da acção!

Peregrino «desarrincanço» êste, e que se popularizou tomando assim, como disse, foros de estilo cinematográfico!

Enfim! Por muito estranho que tudo isto lhe pareça, todos estes factos são verídicos e foram colhidos, ao acaso, em várias casas de espectáculo — muito contra nossa vontade.

E por estas e por outras é que, conforme disse atrás, apesar de gostar imenso de Cinema, não gosto de tudo quanto se passa nos nossos cinemas...

Mas se o leitor não concordar comigo, deite isto à conta de *spleen*... Ou faça de conta que está a ver, tranqüilamente, uma imagem trémula sôbre uma cortina fugidia...

MOTA DA COSTA

Não empreste nem peça emprestado o «ANIMATOGRAFO»

VER OUVIR... E FALAR

Preconizámos já, como sendo um dos meios mais viáveis para a realização de filmes portugueses, as vantagens do apêlo ao concurso estrangeiro. Na verdade, a aprendizagem à custa própria, o auto-didatismo, as tentativas de problemático êxito e que se confiam por assim dizer ao acaso, no conhecido seja-o-que-Deus-quiser, além da morosidade que representam na criação de uma indústria, implicam um dispêndio de capital que tem sido durante longo tempo em pura perda. A fórmula do chamamento de cooperadores competentes, de técnicos capazes de preparar os nossos futuros técnicos, afigurou-se-nos uma das mais acertadas se não a que oferecia maiores conveniências.

Evidentemente, estas opiniões são mal vistas por certas pessoas. Por aquelas que não querem de modo algum dar o braço a torcer com receio de que os seus conhecimentos sejam postos à prova. E o mais curioso é que essas pessoas não se encontram entre os realizadores ou entre o seu pessoal menor. Estão sim entre o estado maior de uma produção, entre aqueles que ditam as leis da nossa indústria, mas que não vêem (talvez porque não querem!) que a criação cinematográfica é uma coisa tão claramente determinada e que necessita de tantas precauções com uma operação cirúrgica. É preciso, para fazer passar ao celuloide a visão de um poeta e o seu espírito, e aproveitar autênticamente um belo entusiasmo colectivo, dispor de um mecanismo que, permanecendo sempre respeitosamente ao serviço da inspiração, funcione com tal delicadeza que nos esqueçamos de que é uma máquina.

Não sei se devemos lamentar os fins grandiosos, mas cheios de bruma, a que certos teóricos da estética sonhavam levar o cinema, visto que foi a sua indiferença individual que fez dêle a arte popular por excelência. Como lhe foi fácil suplantar as outras artes? As suas irmãs mais velhas para serem apreciadas exigiam afinidades pessoais, certos estudos preliminares ou seja um trabalho maior ou menor de espírito. Enquanto o cinema se exprime de uma forma visual e concreta que não reclama esfôrço algum da inteligência inculta das massas.

Êsse enorme valor da imagem que conseguiu o milagre de interessar simultâneamente criaturas simples cuja hereditariedade, costumes e cultura são diferentes desde as suas origens — é coisa que devem ter em conta os produtores, os verdadeiros animadores de uma obra cinematográfica.

Quando defendemos a utilidade do concurso alheio referimo-nos mais aos produtores do que aos realizadores. Exemplos há que provam que não nos escasseia quem possua merecimentos para fazer mais. Apenas falta quem anime a produção, quem a remunere condignamente, quem a depure, quem se compenetre de que só uma organização séria pode concorrer para o desenvolvimento da indústria.

Não bastam boas vontades teóricas, vocações súbitas, entusiasmos fervorosos e autênticas disponibilidades monetárias. É mister algo mais. Dinheiro, sim; fervor, sim; talento, sim. Não é, porém, tudo. Não é todo o essencial, se bem que já seja muito.

A matroca, ao acaso, do improviso sem necessários recursos (e não nos referimos ao confôrto técnico do estúdio com mais ou menos água canalizada nos camarins...) poderá «calhar» que alguma coisa de jeito se faça. Mas a «sorte» é muito falível e convinha, portanto, que às meras tentativas efectivadas segundo êsse critério se preferisse o hábil e prudente conjunto das máximas possibilidades.

AUGUSTO FRAGA

Sempre a Primeira!

METRO ★ GOLDWYN ★ MAYER apresenta a lista das suas fitas para a época futura de 1941-1942:

O ACTUAL ESTADO DE COISAS TROUXE A MUITOS RAMOS DE ACTIVIDADE SÉRIAS PERTURBAÇÕES, QUE SOBRETUDO AFECTARAM AS GRANDES INDÚSTRIAS ★ APESAR DISSO, A METRO-GOLDWYN-MAYER EM COISA NENHUMA ALTEROU OS SEUS PROGRAMAS ★ TANTO NOS SEUS GIGANTESCOS ESTÚDIOS DE HOLLYWOOD — OS MAIORES DA CINELÂNDIA — COMO NOS ESCRITÓRIOS DAS SUAS AGÊNCIAS, A VIDA CONTINUA NO MESMO RITMO DE SEMPRE, AGORA TALVEZ UM POUCO MAIS FEBRIL E, PORTANTO, MAIS PROPÍCIO À REALIZAÇÃO DE MAIORES E MELHORES EMPREENDIMENTOS.

TODOS OS ANOS, A METRO-GOLDWYN-MAYER É A PRIMEIRA COMPANHIA! ★ ESTA VERDADE, HOJE SEM CONTESTAÇÃO POSSÍVEL, APLICA-SE TANTO À QUALIDADE DA SUA PRODUÇÃO, COMO À EXCELÊNCIA DOS SEUS SERVIÇOS, ORGANIZADOS DE FORMA A OBTER-SE SUPERIORIDADE ABSOLUTA ★ UMA DAS PROVAS DESSA SUPERIORIDADE RESIDE NO FACTO DE CABER À METRO-GOLDWYN-MAYER, TODOS OS ANOS, A PRIORIDADE NA APRESENTAÇÃO DAS LISTAS DE FITAS PARA A ÉPOCA FUTURA.

OUTRA PARTICULARIDADE DISTINGUE A METRO-GOLDWYN-MAYER: O FACTO DE NÃO ANUNCIAR PROMESSAS, MAS SIM REALIDADES! ★ E, ASSIM, ÊSTE ANO, MAIS UMA VEZ, A METRO-GOLDWYN-MAYER APRESENTA UMA LISTA DE FITAS JÁ REALIZADAS, OU EM VIAS DE REALIZAÇÃO — TÔDAS

TÍTULOS	DIRECTORES	INTÉRPRETES
DOIS CONTRA O MUNDO (Boom Town)	JACK CONWAY	CLARK GABLE • SPENCER TRACY CLAUDETTE COLBERT • HEDY LAMARR • FRANK MORGAN
AMARGA DOÇURA (Bitter Sweet)	W. S. VAN DYKE	JEANETTE MACDONALD • NELSON EDDY • GEORGE SANDERS IAN HUNTER • FELIX BRESSART
UM AMOR DE RAPARIGA (Little Nellie Kelly)	NORMAN TAUROG	JUDY GARLAND • GEORGE MURPHY • CHARLES WINNINGER • DOUGLAS MC PHAIL ARTHUR SHIELDS
TEMPESTADE (Rage in Heaven)	W. S. VAN DYKE	ROBERT MONTGOMERY • INGRID BERGMAN • GEORGE SANDERS LUCILE WATSON • OSCAR HOMOLKA
CASAMENTO ESCANDALOSO (The Philadelphia Story)	GEORGE CUKOR	CARY GRANT • KATHARIN HEPBURN • JAMES STEWART RUTH HUSSEY • JOHN HOWARD
ALARME NA CIDADE DOS RAPAZES (Men of Boys'Town)	NORMAN TAUROG	SPENCER TRACY • MICKEY ROONEY • BOBS WATSON LARRY NUNN • DARRYL HICKNAN
O ESQUECIDO (I Love you Again)	W. S. VAN DYKE	WILLIAM POWELL • MYRNA LOY • FRANK MAC HUGH EDMUND LOWE • DONALD MEEK
DULCY, A ENTROMETIDA (Dulcy)	S. SILVAN SIMON	ANN SOTHERN • IAN HUTER ROLAND YOUNG • REGINALD GARDINER • BILLIE BURKE
SONHOS DE ESTRÊLAS (The Ziegfeld Girl)	ROBERT Z. LEONARD	JAMES STEWART • JUDY GARLAND • HEDY LAMARR LANA TURNER • TONI MARTIN

Continúa

Continuação

TITULOS	DIRECTORES	INTÉRPRETES
CASADA COM... NINGUÉM (Third Finger, Left Hand)	ROBERT Z. LEONARD	MYRNA LOY • MELVYN DOUGLAS • RAYMOND WALDBURN LEE BOWMAN • BONITA GRANVILLE
SANGUE DE FOGO (Wyoming)	RICHARD THORPE	WALLACE BEERY • LEO CARRILLO • ANN RUTHEFORD • LEE BOWMAN • PAUL KELLY
CAMARADA X (Comrade X)	KING VIDOR	CLARK GABLE • HEDY LAMARR OSCAR HOMOLKA • FELIX BRESSART • EVE HARDEN
ASAS NAS TREVAS (Flight Command)	FRANK BORZAGE	ROBERT TAYLOR • RUTH HUSSEY WALTER PIDGEON • PAUL KELLY SHEPPERD STRUDWICK
A SECRETÁRIA DE ANDY HARDY (Andy Hardy's Private Secretary)	GEORGE B. SEITZ	MICKEY ROONEY • LEWIS STONE FAY HOLDEN • ANN RUTHERFORD • KATHRYN GRAYSON
O CASTIGO (The Penalty)	HAROLD S. BUCQUET	EDWARD ARNOLD • LIONEL BARRYMORE • MARSHA HUNT ROBERT STERLING • GENE REYNOLDS
A VIDA DE EDISON (Edison, The Man)	CLARENCE BROWN	SPENCER TRACY • RITA JOHNSON • LYNNE OVERMAN CHARLES COBURN • GENE LOCKHART
PANCHO, O TEMÍVEL (The Bad Man)	RICHARD THORPE	WALLACE BEERY • LIONEL BARRYMORE • LARAINE DAY RONALD REAGAN • HENRY TRAVERS
O REI DA ALEGRIA (Strike up the Band)	BUSBY BERKELEY	MICKEY ROONEY • JUDY GARLAND • PAUL WHITEMAN E A SUA ORQUESTRA • JUNE PREISSER
O PIRATA FANTASMA (Phantom Raiders)	JACQUES TOURNEUR	WALTER PIDGEON • FLORENCE RICE • JOSEPH SCHILDKRAUT JOHN CARROLL • DONALD MEEK
COMPRA-SE UM MARIDO (Come live with me)	CLARENCE BROWN	JAMES STEWART • EDY LAMARR • IAN HUNTER • VERREE TEASDALE • DONALD MEEK
EDDIE CANTOR... AMA-SÊCA (Forty little mothers)	BUSBY BERKELEY	EDDIE CANTOR • JUDITH ANDERSON • RITA JOHNSON BONITA GRANVILLE • RALPH MORGAN
MATA-HARI (REPOSIÇÃO)	GEORGE FITZMAURICE	GRETA GARBO • RAMON NOVARRO
VIUVA ALEGRE (REPOSIÇÃO)	ERNST LUBITSCH	MAURICE CHEVALIER • JEANETTE MACDONALD

ELAS IGUALMENTE ASSEGURADAS COMO ESPECTÁCULOS QUE O PÚBLICO VAI VER.

DENTRE AS FITAS MENCIONADAS NESTA LISTA, ALGUMAS HÁ SÔBRE AS QUAIS É NECESSÁRIO FORNECER ESCLARECIMENTOS. ★ ASSIM, POR EXEMPLO, «ALARME NA CIDADE DOS RAPAZES» É, NADA MAIS NADA MENOS, QUE A CONTINUAÇÃO DAS REVELAÇÕES FEITAS NA FITA «HOMENS DE AMANHÃ» ACÊRCA DA CÉLEBRE «BOYS' TOWN» DO PADRE FLANAGAN. ★ «A VIDA DE EDISON» PROCURA, TAMBÉM, CONTINUAR A HISTÓRIA DO GRANDE INVENTOR THOMAS A. EDISON, PRINCIPIADA EM «TOM EDISON, O PEQUENO GÉNIO». ★ «ESTRÊLAS DE ZIEGFELD» NÃO É, PRÒPRIAMENTE UMA SEQÜÊNCIA DE «O GRANDE ZIEGFELD», MAS SIM UM GIGANTESCO ESPECTÁCULO MUSICAL DESTINADO A FAZER ESQUECER TUDO O QUE SE TEM VISTO NO GÉNERO!

A METRO - GOLDWYN - MAYER CHAMA A ATENÇÃO DE TÔDA A GENTE PARA OS NOMES DAS ESTRÊLAS CONSAGRADAS E POPULARÍSSIMAS, QUE CONSTITUEM OS SEUS ELENCOS. ★ QUANDO ESSA CIRCUNSTÂNCIA NÃO BASTASSE PARA ASSEGURAR O VALOR ESPECTACULAR DAS SUAS FITAS, VIRIA EM SEU AUXÍLIO O PRESTÍGIO DOS DIRECTORES (REALIZADORES) QUE AS FIRMARAM, A FAMA DOS SEUS ESTÚDIOS E DOS SEUS PRODUTORES, OS ÊXITOS REGISTADOS NAS TEMPORADAS TRANSACTAS, ETC., ETC. — TODO UM CONJUNTO INDISCUTÍVEL DE PROVAS IRREFRAGÁVEIS.

PARA PREVENIR CERTOS INCONVENIENTES, A METRO-GOLDWYN-MAYER DECLARA QUE ALGUNS DOS TÍTULOS PORTUGUESES DESTAS FITAS SÃO PROVISÓRIOS E, PORTANTO, SUJEITOS A ALTERAÇÕES FUTURAS. ★ MAS, O QUE DESDE JÁ GARANTE É QUE, EM TUDO O QUE DELA DEPENDE, AS FITAS ANUNCIADAS SERÃO FEITAS E ESTREADAS EM PORTUGAL, PORQUE A METRO-GOLDWYN-MAYER NÃO SE LIMITA A PROMETER; CUMPRE PARA CONTINUAR A DIZER QUE... SÓ UMA COMPANHIA PODE SER A PRIMEIRA!

VASCO SANTANA volta ao cinema depois de oito anos de ausência!

Vai interpretar o papel de «Santana», caixeiro, ensaiador e amador dramático, na próxima cine-comédia de Lopes Ribeiro



Santana com cara de Vasco...



Vasco, com cara de Santana...

(Continuação da pág. 3)

pôr, assente num largo fundo de humanidade bondosa.

Porque A. L. R. pretende reagir contra os conflitos fáceis em que se debatem, sistemàticamente, o bem e o mal. A bondade contém em si própria o poder dramático bastante para se compor, só com boa gente, num filme que agrade a tôda a gente.

Vasco, Vasquinho, Vascão!

Não há pessoa mais alegre, mais amiga; colaborador mais pronto e mais fácil; actor mais seguro nem mais brilhante que o Vasco — o Vasco Santana — a quem uns amigos (tem-nos às dúzias!) chamam «Vasquinho» e outros amigos chamam «Vascão». E em ambos os apodos há ternura, admiração, interêsse: porque o diminutivo significa o «pequeno» Vasco e o aumentativo quere dizer, como é justo — o Grande Vasco ou, melhor, Vasco, o Grande!

O Vasco é um monumento de espírito e de bonhomia. Junto dêle, ninguém se agüenta um minuto sem rir, pelas coisas que conta a sua memória privilegiada, pelas coisas que inventa a sua imaginação fulgurante.

Seria absurdo invocar aqui as suas faculdades raríssimas de actor de teatro, a sua carreira sempre ascendente, desde as operetas de Armando Vasconcelos até à sua última actuação, até há poucos dias, na companhia de Alberto Barbosa, passando por triunfos sem conta, na comédia, na farsa, no «vaudeville», na opereta, na revista.

O seu nome de autor está ligado aos maiores êxitos do teatro ligeiro dos últimos dez anos. A sua parceria com Alberto Barbosa, José Galhardo e Amadeu do Vale recebeu o testemunho dessa outra parceria famosíssima a que se devem as obras-primas dos anos de 20, «O Conde Barão», «O João Ratão», «O Leão da Estrêla»: Ernesto Rodrigues, João Bastos e Félix Bermudes.

No cinema — não aparece há oito anos, desde «A Canção de Lisboa», de Cotinelli Telmo, que foi o primeiro filme produzido pela Tobis Portuguesa, em 1933.

Uma espécie de entrevista

O nosso director, que sujeita muito fàcilmente os seus projectos à apreciação dos colaboradores — embora nem sempre siga os seus conselhos... — trouxe Vasco Santana até à redacção do «Animatógrafo», para lhe mostrar a disposição gráfica desta página. E como «O Pai Tirano» o tiraniza, deu provas da mais absoluta falta de inventiva, quando disse ao Vasco:

— Agora, nesta página central, o que falta é a entrevista da praxe. Mas o pior é que ninguém tem tempo de a escrever, porque o jornal já devia estar fechado, e ainda não está.

— Pois é — disse o Vasco, para disfarçar...

— Olha lá, ó Vasco: tu não tens entrevistas já feitas, mesmo antigas, daquelas que parecem feitas de propósito para aqui, e tenham muito interêsse?

— Aqui não tenho — respondeu o Vasco.

— Então como é que hei-de encher estas colunas que *sobejam dos retratos?...* — inquiriu Lopes Ribeiro, fazendo esforços visíveis de concentração mental.

— De duas uma — propôs o Vasco: ou pões mais retratos, ou não pões nada, e finges que foi lapso.

Como a solução não servisse, coube-me em sorte suprir com o meu indiscutível talento a síncope imaginativa dos dois interessados. E desatei a fazer perguntas ao Vasco.

— Há quanto tempo entraste para o Cinema?

— Sou velho como todos os diabos. O primeiro filme que fiz ou, por outra, em que entrei, foi na «Menina Endiabrada», com a Dina Gralla, a Irene Izidro e o Artur Duarte.

— Quem foi o realizador?

— O António Ribeiro.

— Qual António Ribeiro? Êste?...

— Êste mesmo. Como vês, o bom filho à casa torna.

Mas o Lopes Ribeiro apressou-se a corrigir a memória do Vasco.

— Não foi nada êsse o teu primeiro filme. A primeira vez que apareceste no cinema foi numa fita que entrava na opereta «Mademoiselle Ecran», aí por 1920, o máximo, com a Satanela e o Amarante. Fazias um bêbedo encasacado e a cena decorria no palacete do Sotto Mayor, na Avenida Fontes Pereira de Melo.

— É isso mesmo, confessou o Vasco. Mas palavra que já não me lembrava.

— Depois, veio então a «Fraulein Lausbub», nas cenas que o Eric Schönfelder não pôde vir dirigir a Portugal, e que o Ribeiro dirigiu no Chiado, no Campo Grande, na Praia do Estoril e em Monserrate.

— Pois foi. Em 1929. Eu só entrava numa cena que se passava na montra do Lopes Florista, onde é hoje a Camisaria Saboia. Fazia um palerma, de monóculo, que se atirava à Dina Gralla, como é tradicional no Chiado... O operador foi o Manuel Luiz Vieira. A fita estreou-se no Odéon.

— Quatro anos depois, fazias a «Canção de Lisboa», com a Beatriz, o António Silva, o Santos Carvalho... O teu primeiro fonofilme.

— E agora, com mais uma data de anos de intervalo, vou fazer «O Pai Tirano». Mas cheira-me que, desta vez, não passará muito tempo sem que apareça noutra...

— Conte lá isso, que interessa aos leitores.

— Quando o António se fôr embora, eu conto. Mas agora não pode ser, porque êle pediu-me segrêdo e está a ouvir a nossa conversa tôda.

(Escusado será dizer que, quando saíu, o António Lopes Ribeiro levou o Vasco, e nós ficámos sem saber mais nada).

— Que te parece o «Pai Tirano»?

— Parece-me *muito bem*. Simples, com interêsse, e até com uma certa novidade para o nosso Cinema.

— Gostas do teu papel?

— Gosto dos dois papéis principais dos homens, do meu e do do Chico. (Também gosto muito dêste *do do...*). O Ribeirinho deve fazer um brilhante magnífico nesta produção.

Maria da Graça e uma estreante

serão as duas protagonistas de «O PAI TIRANO»

— Agora me lembro: também fôste tu que escreveste e disseste a locução do filme do Manuel de Oliveira e do António Mendes sôbre Famalicão que se estreou no Pôrto com «O Feitiço do Império» e em Lisboa com o «Pôrto de Abrigo».

— Pois fui.

— Parabéns.

— Obrigado.

— Conheces as duas raparigas que entram no «Pai Tirano»?

— Pessoalmente, ainda não conheço nenhuma delas. Mas o Ribeiro mostrou-me as fotografias de ambas, e ando morto por conhecê-las.



Maria da Graça, «béguin» dos cinéfilos portugueses



Lopes Ribeiro apresenta Maria da Graça a Vasco Santana, que ainda não a conhece pessoalmente, servindo-se do Número de Natal do «Animatógrafo»

— Gostas de trabalhar com o Lopes Ribeiro?

— Tanto ou tão pouco que larguei completamente o teatro por algum tempo, só para me dedicar ao *nosso* «Pai Tirano». E agora apetecia-me dizer coisas sinceríssimas e óptimas a respeito dêle e dos seus *honradíssimos* filmes, como diz o Zé Galhardo. Mas como estou contratado por êle, colaboro com êle e o «Animatógrafo» é dêle, parecia mal — e abstenho-me.

— Quem é que entra mais na fita?

— Uma data de gente fixe. Mas, por enquanto, só estão falados, que eu saiba, o Armando Machado e a Teresa Gomes.

— Essa já disse o «Diário de Lisboa».

— Mas disse «atrás do reposteiro» e eu gosto de pôr tudo em pratos limpos.

Conhecedor do meu talento magistral para arrancar confidências e obter «caixas» sensacionais, o nosso director cortou aqui mesmo a entrevista, e arrastou o Vasco para casa dêle, onde se fartam de beber chá e de fumar cigarros, à procura de *gags* para «O Pai Tirano».

Resta saber se aparecem tantos quantos são precisos — e que tal são êles.

Mas isso só o saberemos nós lá para o mês que vem, quando a fita começar a ser filmada no estúdio da Tobis. E o público só o saberá em Setembro, quando «O Pai Tirano» se estrear.

I. F. A.

NO CAMPO DO «FOOT-BALL» BEMFICA

O «ONZE» DAS FIRMAS AMERICANAS VENCEU O «ONZE» DAS FIRMAS PORTUGUESAS POR 7-0



O «onze» nacional que se portou com galhardia no campo do «Foot-Ball» Benfica



O «onze» estrangeiro, como o leitor está a ver, tinha, de facto, um aspecto internacional...

Tôda a gente sabe que na América os artistas de cinema praticam os desportos a fim de manter a linha. O desporto dá saúde, dá vigor e só assim se compreende que a Deanna Durbin tenha já 59 anos e pareça ter dezóito; a Myrna Loy tenha 86 e pareça ter vinte e sete e ao Clark Gable ninguém dê mais de 36, quando êle tem já sessenta e cinco não contando com os anos que esteve divorciado.

Embora tardiamente também cá na nossa cinelândia a gente do cinema começou a praticar desporto. O exemplo foi dado pelo pessoal das casas distribuidoras que no domingo disputaram um jôgo de futebol, ou coisa parecida.

Para êsse efeito reüniram-se num campo ali para os lados de Benfica, vinte e duas pessoas, assim distribuídas:

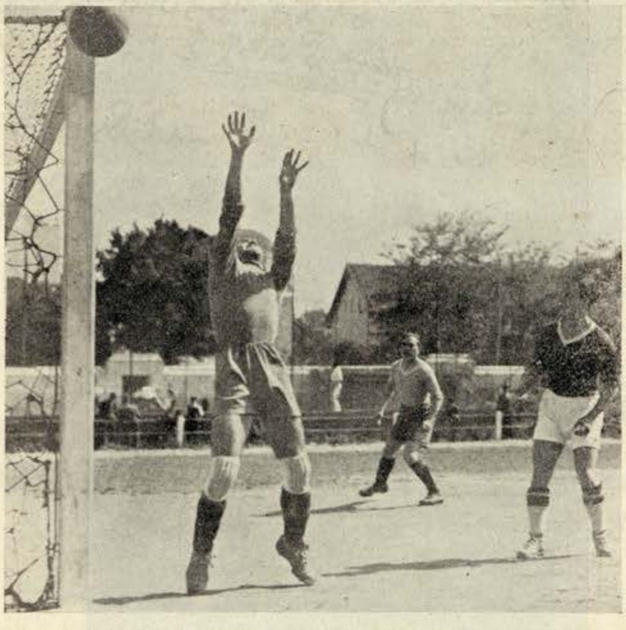
Casas estrangeiras: *guarda-redes:* Franco (M. G. M.); *defesas:* Vale e Graça (M. G. M.); *médios:* Morais Ferreira (M. G. M.), Quintino e Nascimento (R. K. O.-Radio) *avançados:* Eugénio e Narciso (M. G. M.), Carvalho e Luiz (R. K. O.-Radio) e Antunes (Paramount).

Casas nacionais: *guarda-redes:* Humberto (Laboratórios Aquilino Mendes); *defesas:* Araújo (Continental Films) e Antunes (Laboratórios Aquilino Mendes); *médios:* Ermelino (Continental Films), Lopes e Silva (Sonoro Film); *avançados:* Rafael (Filmes Luiz Machado), Pombeiro (Filmes Alcântara), Moreira (Laboratórios Aquilino Mendes); Gorky e Ideberto (Filmes Castelo Lopes, Ld.ª).

Foi, a todos os títulos, um desafio internacional pois jogaram «nacionais» contra «estrangeiros» e o futebol português mais uma vez mostrou a sua inferioridade, pois as firmas estrangeiras venceram por 7 a 0 e se mais não marcaram foi por absoluta falta de tempo.

Logo que se deu início à partida os jogadores desataram aos pontapés à bola, que, como mais tarde se provou, não teve culpa nenhuma do que se passou, nem sequer teve a ideia de se efectuar o encontro. Ao fim de dez minutos e de algumas centenas de pontapés, Carvalho marcou, sem saber como, e de longe, o primeiro «goal». O autor do ponto agradece que lhe expliquem como aquilo foi, pois está com vontade de, quando abandonar o cinema, ser jogador profissional e, portanto, quere meter mais «goals» pelo mesmo processo. Cinco minutos depois uma colecção de ossos que andava a passear dentro duma equipa e que dá pelo nome de Antunes marcou o segundo ponto dos «estrangeiros». Quási ao terminar o primeiro tempo Luiz fez o terceiro ponto e, daí a bocadinho foram todos descançar, principalmente o defesa Vale, que fez um esfôrço enorme, pois jogou com a barriga, porque não a quis deixar no vestiário com mêdo que lha roubassem.

A segunda parte foi um constante domínio dos «estrangeiros».



Uma fase curiosa do renhido desafio, ou uma bola que falhou...

O guarda-rêdes dos «nacionais», que apareceu no campo muito senhor do seu nariz foi substituído porque não se portou lá muito bem nas rêdes que lhe tinham confiado à sua guarda. O Humberto não soube guardá-las como devia ser e no seu lugar colocaram Pombeiro, que, para não ficar atrás do outro, deixou entrar quatro bolas. Desculpou-se do precalço alegando que os adversários para o distrair, antes de «shotarem» às rêdes, lhe cantavam a «Balalaika» em andamentos diferentes.

Abriu a série nesta parte o Narcizo e daí a um grande bocado Nascimento marcou o quinto «goal». Até o final do encontro Narcizo marcou os outros dois pontos que faltavam, sendo o último à traição. Os «nacionais» beneficiaram de dois «penaltyes» mas nem mesmo assim conseguiram marcar o ponto de honra. Apesar de tudo, o jôgo acabou com honra para ambas as partes e não se registaram mortes, pois tinha-se combinado que o jôgo era amigável. Também o árbitro, que era o sr. Luciano Marques, funcionário da emprêsa dos cinemas Palatino e Paris, não foi agredido nem teve que fazer tratamento ao apito.

(Conclui na página 18)

CARTAS DUM CINÉFILO

Esfusiante director:

Escrevo-lhe propositadamente para o felicitar pela ideia da criação da «Tôrre do Tombo» para os filmes portugueses. Muito bem, se os filmes hão-de andar para aí aos tombos mais vale guardarem-se. E temos alguns que são verdadeiras preciosidades e é pena perderem-se. O que é necessário é uma escolha rigorosa, pois nem todos merecem ser arquivados. O critério para a selecção tem que ser muito rigoroso. Dos filmes mudos proponho que se guarde lá na tôrre, antes de mais nada o «Ver e amar», a primeira obra do sr. Chianca de Garcia, que êle realizou quando ainda não pensava ser realizador, tanto mais que até hoje se não se conseguiu apurar porque foi que êle fez aquilo. A «Castelã das Berlengas» filme percursor de todos o filmes de aviação que os americanos fizeram, também deve ser muito bem guardado. Dos filmes sonoros proponho que se guarde também muito bem guardado, de forma que não fuja, o «Pão Nosso». Outro que lá deve ser arrecadado é os «Fidalgos da Casa Mourisca» para um dia se mostrar aos vindouros como eram os fidalgos de 1850 em 1936. Os filmes de actualidades da «Spac» também devem lá guardar-se porque se a gente agora vê as actualidades com cinco meses de atraso também os outros as podem depois ver. Os filmes de publicidade também lá podem ser guardados.

Como na «Tôrre do Tombo» só se devem guardar preciosidades e relíquias deve ter-se o maior cuidado na escolha do guarda da tôrre. Proponho que se dê êsse lugar ao sr. Sousa Santos, que deve ficar muito bonito com o fardamento.

Sabe que já fui ao Condes ver a fita «As mãos e a morte»? Gostei a valer. Aquilo é bonito e o enrêdo é muito profundo.

Aquele filme não é de facto para todos os públicos, só os cinéfilos como nós são capazeses de perceberem a grandeza da história e tudo o que se passa no subconsciente do argumento. Quando o encontrar o sr. director há-de explicar-me o que é que aquilo quere dizer.

Sem mais, até para a semana.

Ignácio da Purificação

P. S. — Ainda não consegui vender a acção da Tobis. Eu bem lhes digo que êles estão a fazer duas fitas e que vão fazer mais, mas nem mesmo assim lhe pegam.

I da P.

A RAINHA DA CANÇÃO



UM FILME GRANDIOSO

que a **Fox-Filmes** *apresenta, esta noite, no*

TIVOLI

A HISTÓRIA DUMA MULHER QUE TINHA O MUNDO A SEUS PÉS!

Numa fabulosa super-produção com um elenco formidável:

Alice **Faye** ✱ *Henry* **Fonda** ✱ *Don* **Ameche**

Edward **Arnold** - Warren **William** e Leo **Carrillo** - Realização de Irving Cummings

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

Julien Duvivier vai dirigir o seu primeiro filme americano, que **Merle Oberon** interpretará, para o produtor **Alexander Korda**

Julien Duvivier, já dissemos, depois de ter deixado concluído, embora não apresentado, o filme «Un Tel, Père et Fils», que dispunha duma distribuição que incluía a maioria dos grandes luminares do cinema da França, filme que era uma espécie de «Cavalgada» francesa, por cujo argumento perpassavam os acontecimentos franceses mais destacados de 1870 até à actualidade. Duvivier, dizíamos, deixou a França convencido da rarefacção que, fatalmente o ambiente cinematográfico do seu país depois dos tristes acontecimentos de há um ano viria a sofrer. Os Estados Unidos, como para tantas outras figuras europeias do Cinema, constituia para êle nova Terra de Promissão. E, também, como acontecera a todos os que da velha e agitada Europa atravessavam o Grande Charco em demanda de trabalho, depressa o realizador talentoso de «Carnet de Baile» achou onde empregar a sua actividade. Foi Alexander Korda, o húngaro que conquistara a Gran-Bretanha e os Estados Unidos, quem lhe abriu de par em par a portaria dos estúdios da Califórnia, de tão difícil transposição.

E hoje, depois de algum tempo de forçada inactividade, sabe-se já qual seja o seu primeiro filme de Hollywood. É êle de facto que irá dirigir a própria mulher do produtor, a inolvidável intérprete do «Monte dos Vendavais», a pessoalíssima Merle Oberon, no seu novo filme que, ao contrário do que se chegou a dizer não será nem «Madame Dubarry» nem tampouco «Manon Lescaut», como constava também. Êsse filme intitula-se *Ilusions*, decorrendo o argumento, original do próprio Duvivier em colaboração com Le Bush-Fekete, em Chicago, durante o período que vai de 1900 a 1941. Nêle terá Merle Oberon nada menos que quatro «leading-men», Alan Marshal, cedido pela RKO, Joseph Cotten, George Reeves e Hans Jaray, que foi o «parceiro» de Martha Eggerth na famosa «Sinfonia Incompleta», que está actualmente trabalhando com grande êxito no teatro de Nova York. Além dêstes aparecem também nessa produção de Korda a notável característica Edna May Oliver, Jonh Halliday, Sara Allgood e Billy Roy. George Barnes premiado da Academia é o operador.

«That Uncertain Feeling», dirigido por Lubitsch e «Affectionally Yours», há pouco concluído, são os dois últimos filmes de Merle Oberon.

«Camas separadas» é o título do novo filme de **Dick Powell - Joan Blondell**

Depois de terem feito para a Universal o filme «Model Wife» Dick Powell e Joan Blondel vão de novo ser marido e mulher num novo filme, desta vez para o produtor Edward Small, da United Artists, o responsável pelo «Homem da Máscara de Ferro» e «O Filho do Conde de Monte Cristo». Intitula-se *Twin Beds* e da sua realização encarregar-se-á Ralph Murphy, que já dirigiu o casal Powell no filme da Paramount, «I Want Divorce».

O argumento de «Camas Separadas» é tirado duma peça teatral, de Margaret Mayo, que teve, na sua época, um êxito invulgar. O êxito da peça na América foi tal que a First National fez dela uma primeira versão em 1920 e outra, já em parte falada, nove anos depois. Os direitos pertenciam agora à Warner Bros, que encorpora hoje não só aquela emprêsa, como a velha Vitagraph, de tão gloriosas tradições.

Lubitsch foi contratado pela **20th Century Fox**

Ernest Lubitsch desde que há perto de vinte anos ingressou, como grande senhor, no Cinema de Além-Atlântico, tem percorrido, por assim dizer, quási todos os estúdios de Hollywood..

Da Warner, para onde passou depois de ter dirigido Mary Pickford em «Rosita» e onde deixou o espantoso «Leque de Lady Margarida», e êsse não menos famoso «The Marriage Circle», a sua actividade tem sido exercida com uma versatilidade desconcertante, pela Paramount, onde esteve por mais duma vez, e onde chegou, embora com a velocidade dum meteoro, a ocupar a posição importantíssima de director geral da sua produção, pela Metro Goldwyn Mayer, e pela United Artists, para quem fez, há pouco, o filme «That Uncertain Feeling».

Pouco tempo, ainda desta vez, se demorou êle na companhia que quatro dos maiores nomes que o Cinema jamais contou, fundaram em 1920. De facto acaba agora de assinar com a emprêsa de Darryl Zanuck, a 20th Century Fox, um contrato por três anos segundo o qual desempenhará as funções de produtor-director naquela importante organização. No entretanto, não começará a trabalhar na Fox sem ter realizado o filme que lhe falta para a conclusão do seu contrato com o productor Sol Leoser e a United Artists.

«Nanuk» vai ter outra versão

Um dos primeiros e mais notáveis documentários que por um écran tem passado, foi sem dúvida a obra notável daquele que mais tarde nos daria uma pura maravilha, essa «Morna» inesquecível — «Nanook», de Robert Flaberty.

Realizado por volta de 1920 com intuitos de propaganda a uma grande emprêsa negociadora de peles, do Canadá — os irmãos Reveillon — Flaberty lograra fazer dêsse filme inicialmente de mera preocupação comercial uma obra-prima, um dos mais puros e belos clássicos do Cinema, onde a luta heróica do homem primitivo com os elementos e os animais atingiam um vigor e uma grandiosidade empolgantes, onde a vida de todos os dias dos habitantes dessas inhóspitas regiões no norte do continente americano, nos era dada com enternecedora graça e poética simplicidade.

De novo, agora, Alaska e os seus esquimós vão ser fixados no Cinema. É a Republic que produzirá o filme intitulado *The Son of Namook*, e Ewing Scott, o próprio autor do argumento, quem o realizará, para o que uma equipa a que não faltará a aparelhagem sonora, se vai deslocar até Point Barrow, nos confins do Alaska. À excepção de Mala, o esquimó que Van Dyke trouxe para Hollywood, todos os demais intérpretes serão autênticos naturais.

Mais um grande êxito da **Broadway** para o cinema: **«Louisiana Purchase»**, da **Paramont**

Broadway continua a fornecer, e a fazer pagá-los por bom preço, está bem de ver, os seus grandes êxitos. Os produtores de Holywood têm últimamente feito uma verdadeira razia a tudo o que no teatro tenha alcançado, ou esteja tendo êxito, êxito êsse que venha a contribuir para a publicidade e a aceitação dos filmes que dessas obras se venham a fazer, travando-se, por isso, verdadeiras batalhas entre os estúdios, em que os milhares de dólares são a arma corrente e decisiva dessas lutas.

A Paramount, agora, acaba de adquirir por cento e cinqüenta mil dólares os direitos cinematográficos da peça em que a música e as canções têm uma primordial importância «Louisiana Purchase», de Buddy De Sylva — um dos mais felizes autores, cujos êxitos se contam por peças estreadas — que o teatro se mantém desde há cêrca de oito meses.

O produtor do filme será o próprio autor da peça, que é hoje, também, uma das primeiras figuras da Paramount, devendo os intérpretes ser, na sua quási totalidade, os que a estão interpretando no teatro, maioria dos quais tem já experiência cinematográfica. São êles William Gaxton, desconhecido dos estúdios, Vera Zorina, a conhecida bailarina da «Revista da Goldwyn», Victor Moore, que é considerado, com Ed Wynn e Jimmy Savo o maior cómico do teatro americano, e no Cinema tem aparecido já em vários filmes, Irene Bordoni, a francesa há muito grande vedeta da América, e que no início do sonoro foi a intérprete do filme «Paris», que o Tivoli exibiu; e ainda Carol Bruce.

Ethel Merman, o grande nome actual dos palcos de Nova York será a vedeta de «Louisiana Purchase», cuja música é de Irving Berlin.

FITAS NA FORJA

- *BETTY CO-ED, com Ruby Keeler, Harriet Hilliard, Ozzie Nelson e a sua orquestra, Kathleen Howard, Leo Watson e Frank Gaby. Realizada por Edward Dmytrik. Fotografia de Franz Planer. Columbia (Aliança Filmes).*
- *MAN FROM THE CITY, com Virginia Weidler, Robert Sterling, Marsha Hunt Fay Holden, Don Costello, Veda Ann Borg e Henry Travers. Dirigida por Robert Sinclair. Fotografia de Sid Wagner. Metro Goldwyn Mayer.*
- *BUY ME THAT TOWN, com Lloyd Nolan, Albert Deleker, Constance Moore, Sheldon Leonard, Rod Cameron, Horace Mac Mahon e Warren Hymer. Direcção de Eugene Ford. Fotografia de Theodor Sparkuhl. Paramount.*
- *SCATTERGOOD PULLS THE STRINGS, com Guy Kibbee, Dink Trout, Mildred Coles, Emma Dunn, Bobs Watson e James Corner. Realização de Christy Cabanne. Fotografia de Jack Mc Kenzie. RKO-Radio Filmes.*
- *BAD MAN OF MISSOURI, com Dennis Morgan, Wayne Morris, Arthur Kennedy, Jane Wyman, e Ricardo Cortez. Realizada por Ray Enright. Fotografia de Arthur Todd. Warner Bros. (S. I. F.).*



HENRY FONDA

O espantoso actor da Fox que faz de cada papel uma autêntica e impecável criação. Intérprete ideal de dramas violentos

A FEIRA DAS FITAS

«A BATALHA DO OIRO»

(Gold is where you find it)

«O oiro está onde se procura» — diz o título original dêste belo filme de Michael Curtiz, que nos conta com nobreza de processos e rigorosa intenção um episódio da «pequena História» da Califórnia, verdadeira réplica na segunda metade do século XIX do conflito que, na metade primeira, o austríaco Johann Sutter conseguiu vencer, conforme Louis Trenker narrou no seu admirável «Imperador da Califórnia». A vitória de Sutter, tal como a dos agricultores que ganham «A Batalha do Oiro», é a vitória da terra sôbre a finança, a vitória do trigo sôbre o metal — a vitória do espírito sôbre a matéria, no seu conteúdo essencial. Dum lado a especulação sem escrúpulos, a tirania materialista e anti-natural das oligarquias, a febre do lucro sem esfôrço e sem limite — do outro o trabalho árduo e normal da terra, a estabilidade, o equilíbrio, a continuïdade humanas e sociais, a formação e a fôrça das tradições, a justiça e as liberdades naturais. Dum lado um espectador sôbre o artifício das acções e obrigações, dos jogos de Bôlsa, da vida fácil e vária — do outro o Homem, com os pés firmes no chão, o sol a pino sôbre o seu esfôrço, a enxada ou o rabicho do arado nas mãos. «O oiro está onde se procura» — na seara, no pomar, como na mina ou na Bôlsa. mas o primeiro é melhor, porque é mais puro, mais nobre, mais natural. O homem, para viver, precisa de arrancar à terra o seu sustento — mas pode morrer de fome ao lado de uma montanha de lingotes.

Tal é o conflito do filme e a sua moralidade, conflito e moralidade de alcance universal, mas conflito especìficamente americano também, visto ser ainda hoje o que comanda o destino dos Estados Unidos. O seu interêsse está implícito. Resta dizer como foi aproveitado, para base de um espectáculo cinematográfico.

A exposição do tema, o seu desenvolvimento dramático, a sua encenação em imagens, oferecem indiscutível beleza, considerável vigor, magnífica largueza de concepção. É possível que um Cecil B. de Mille imprimisse maior estilo, melhor cunho cinematográfico à realização de tal assunto. Mas a direcção de Curtiz está cheia de qualidades. quer no aspecto da reconstituïção sempre saborosa, quer na composição fílmica da obra. A côr enriquece extraordinàriamente a película, pois apesar de já hoje estar ultrapassada a qualidade obtida pelos operadores Sol Polito e Allen M. Davey, sob a direcção de Nathalie Kalmus, conseguiram-se efeitos esplendorosos, de vária espécie, para o que não deve ter sido indiferente o emprêgo do processo «Multiplane». Citam-se alguns momentos particularmente felizes: o *travelling* do balcão das bebidas multicolores, no bar de San Francisco, certos planos de conjunto da faina agrícola, o labor nocturno da mina, a destruïção da represa. Êste último episódio merece destaque, pela excelência da trucagem (da autoria de Byron Haskins), embora F. Fersen tivesse depois, conseguido melhor, no mesmo género, na «Maldição da Índia».

Dos intérpretes, merecem referência especial a frescura física e histriónica de Olivia de Havilland, e o desempenho magnífico de Claude Rains, que faz o campeão dos agricultores. George Brent (Witney) pareceu-me pouco firme, um tanto inconsistente. O mesmo quanto a Tim Holt (o irmão).

Os papéis secundários, como é hábito tiveram o necessário relêvo, em especial por parte de Sidney Toler, Barton Mc Lane e vários outros actores anónimos. — D. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A BATALHA DO OIRO» (Sif)

— **O alcance social do conflito que serve de tema ao argumento, extraído de uma novela de CLEMENTS RIPLEY.**
— **A realização de MICHAEL CURTIZ.**
— **As interpretações de CLAUDE RAINS e OLIVIA DE HAVILLAND.**
— **A contribuïção do colorido à beleza pictural de todo o filme.**
— **As decorações de TED SMITH e os truques de BYRON HASKINS.**

«GENTE ALEGRE» (Radio Filmes)

— **A «classe» cómica de todo o filme, que acusa nìtidamente a orientação de HAROLD LLOYD, o produtor.**
— **O «gag» do «marujo elástico» e a subseqüente cena de pancadaria.**
— **As interpretações de GEORGE MURPHY (Cooffe Cup), LUCILLE BALL (Dot), EUGÈNE O'BRIEN (Stephen) e FRANKLIN PANGBORN (o dono do aviário).**
— **A realização de RICHARD WALLACE.**

«O CONDE DE CHICAGO» (M. G. M.)

— **A realização de VICTOR SAVILLE, principalmente a reconstituïção dificílima do Tribunal dos Lordes.**
— **A interpretação de ROBERT MONTGOMERY, pela sua complexidade, e de EDWARD ARNOLD, pelo seu poder.**

«GENTE ALEGRE»

(A Girl, a Guy and a Gob)

«Gente Alegre» representa o regresso de Harold Lloyd às lides cinematográficas, agora apenas como produtor. Quer isto dizer que o cinema americano está de parabens — e se alguém julga que não há razão para tanto, vá ver *A Girl, a Guy, and a Gob*, e depois conversaremos.

Harold, que sempre ou quási sempre produziu os seus próprios filmes, tem larga prática, profunda experiência dessas funções. Assim se explica que conseguisse *estar presente* neste filme, tão flagrantemente, apesar da realização não lhe pertencer (foi Richard Wallace quem dirigiu o filme). Harold não escreveu o argumento nem é da sua autoria a planificação — mas tenho a certeza que colaborou o mais efectivamente possível num e noutra, e que desempenhou êle próprio, além do cargo de produtor, as funções de *gagman*. A afirmação nada tem de temerária, de tal forma a «maneira» de Harold, o tempo habitual das suas produções, os seus processos cómicos, se encontram no desenvolvimento da história e nos *gags* com que polvilhou todo o filme. Reparem, por exemplo, na perseguição da motocicleta pelo taxi, em louca correria pelas ruas; reparem na forma como «Cofee Cup» *adormece* o sargento, para o fazer embarcar no «Idaho»; reparem no estratagema que o patrão de «Dot» emprega para escapar àquela rapariga morena que o persegue no «Danceland». Todos êsses momentos, e muitos outros que não vale a pena citar, são tìpicamente haroldianos. Harold, porém, soube actualizar os seus processos. E assim não procurou fazer farça pura; procurou antes construir uma comédia nos moldes actuais, segundo a moda agora usada, permitindo-se apenas, de vez em quando, uma rápida fuga para o *Old good slapstick*. Ninguém dirá que êsse compromisso se revelou infeliz, especialmente se tiver presente o partido tirado da destrambelhada família de Dot (nìtidamente inspirada na de o «Não o levarás contigo!», mas mais «vulgar» e por isso mesmo mais verosímil) e a seqüência, por exemplo, da exibição do «marujo elástico». E o melhor é que tanto numa como na outra fase o público ri a bandeiras despregadas.

Lucille Ball convence inteiramente, num papel que aqui há uns três anos Ginger Rogers teria muito gôsto em desempenhar. Eugène O'Brien, o galã de «Nossa Senhora de Paris», faz lembrar Franchot Tone, por certa semelhança fisionómica e por uma certa identidade de processos. O melhor papel da distribuïção coube a George Murphy, e o ex-parceiro de Eleanor Power soube aproveitar a oportunidade. Todo o seu desempenho é excelente. Dos outros actores há que notar Lloyd Corrigan (o irmão de Dot), Henry Travers (o sócio de Stephen) e Franklin Pangborn, que é, como sempre, engraçadíssimo no inenarrável passarinheiro. Resta dizer que a qualidade técnica do filme é de pri-

(Continua na pág. 18)

TÍTULOS ILUSTRADOS



«A batalha do oiro»

CINEMA DE AMADORES

QUESTÕES PRIMÁRIAS

Agora que há o CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES, não é demais salientar o seu valor e importância.

A velha aspiração dos cineastas amadores está realizada. Necessário se torna portanto acarinhar esta iniciativa e ajudá-la o mais possível. Não se deve exigir, por agora, mais do que é possível realizar, mas também não se deve condescender com uma morosidade de trabalho.

A tarefa iniciada pela primeira direcção do C. P. C. A. é deveras ingrata. Pouco ou quási nada havia. É preciso portanto trabalhar, erguendo uma obra, considerada indispensável por todos os amadores portugueses. Por onde se deve pois iniciar o trabalho?

Não desejamos meter foice em seara alheia. Nada temos que ver com o que a direcção do C. P. C. A. possa fazer. Já definimos suficientemente a nossa posição para ser desnecessário afirmá-la mais uma vez.

Estamos aqui para indicar aos amadores os prós e os contras do que quere que seja.

Mas nesta ocasião, entendemos, sem que se altere a nossa situação, ser um dever dizer aos leitores quais são as intenções da direcção do C. P. C. A. e qual deve ser a posição do amador perante os trabalhos a realizar.

No último número de «Animatógrafo» referindo-nos à criação do C. P. C. A. démos a entender o que se pretende fazer. Hoje temos mais alguma coisa a dizer: a direcção do C. P. C. A. não deseja publicar um programa de trabalho. Concordamos absolutamente com esta atitude. Presentemente, dada a gravidade da situação internacional não se pode garantir a vinda de filmes estrangeiros para sessões a efectuar. Sôbre o ponto de vista interno, a produção de amadores é bastante limitada. Há falta de filmes, mas esperamos que a actividade se desenvolva como é indispensável. Mas não são só sessões o que se quere fazer. Vão haver palestras técnicas, de modo a elucidar convenientemente os sócios, sôbre a execução de filmes de formato reduzido.

Em Dezembro efectuar-se-á o Concurso Nacional e possivelmente, e para isso trabalhamos, o I Congresso Português de Cinema de Amadores, que será o ponto de partida para a expansão em todo o Império da Cinematografia de Amadores. Apresenta-se difícil a sua execução mas prometemos não desistir desta iniciativa que o C. P. C. A. irá realizar com o patrocínio de «Animatógrafo». Estas são em linhas gerais as intenções da direcção do C. P. C. A.

Evidentemente que há muitas outras coisas em estudo e de tudo iremos dando conta aos nossos leitores.

O amador português, sempre desejou possuir um Clube onde se concentrasse tôda a sua actividade.

Verifica-se assim, que o C. P. C. A. não é uma iniciativa isolada mas sim uma manifestação da vontade de todos os amadores de Portugal.

Portanto todo aquele que pregou a necessidade de existir um clube de amadores e não se vai inscrever como sócio do C. P. C. A. renega todos os seus ditos. E então deixou a sua palavra de pesar na balança dos amadores de Portugal. Cremos que não há um único amador que discorde da constituïção do C. P. C. A.. Devem portanto, sem perda de tempo, enviar um simples postal para a sede do «Clube Português de Cinema de Amadores», Largo do Chiado, 12, 2.°, com o seu nome e morada pedindo uma proposta e o comunicado da direcção onde pode ver as condições de inscrição.

Fomos dos que mais lutaram, algumas vezes perante a indiferença e até a troça, dos que nos rodeavam. Hoje, satisfazendo os inúmeros pedidos recebidos durante alguns anos, estamos satisfeitos. Cumprimos o nosso dever. Compete agora aos amadores, garantirem a existência do que tanto solicitavam.

Não ficámos na direcção do C. P. C. A. para que se não imaginasse que tinhamos interêsses particulares quando desenvolvemos a nossa actividade no sentido de se organizar o Clube.

Pedimos uma coisa: Trabalho! Esperamos que não se regateiem esforços para se obter uma situação mais vantajosa do que aquela que até à data tem havido.

Questão primária: o interêsse que deve ter pelo «Clube Português de Cinema de Amadores» auxiliando a sua progressão.

Questão primária: o trabalho que a direcção do C. P. C. A. está desenvolvendo.

Questão de vontade, simplesmente.

JOÃO MENDES

A S.F.A. E A ADA FILMES organizaram uma sessão de filmes de formato reduzido

Efectuou-se, na cidade do Pôrto, na passada segunda feira 12 de Maio uma sessão de filmes de formato reduzido, organizada pelas sociedades de amadores, ADA filmes e SFA de acôrdo com a casa Pathé Baby e a direcção do Grande Hotel da Batalha onde se realizou, num dos seus salões, êste espectáculo

Foram projectadas as seguintes produções: «Viagens a Marrocos» e «Pesca do Sável», de Mateus Júnior, «Quadra Festiva» e «Exposição Colonial do Pôrto» de Álvaro Antunes, «Campismo» de João Nunes e «Ribeira Nova» de Celestino Teixeira. Além dêstes foram exibidas duas cópias reduzidas de dois filmes sonoros: «Ponlichette», desenhos animados e «A última prova», comédia com Noel-Noel.

O êxito alcançado por esta sessão foi surpreendente sendo todos os filmes calorosamente aplaudidos.

Na assistência encontravam-se, diplomatas, hóspedes do G. Hotel da Batalha, membros do Grémio Português de Fotografia, representantes do CONDOR CINE CLUBE e da IFA, profissionais de Cinema, amadores «independentes» e numeroso público

Esta sessão, a primeira de uma série que o recente acôrdo estabelecido entre a ODA e a SAF previa é uma prova do interêsse que está despertando no Pôrto a cinematografia de amadores.

Procura-se, assim, desenvolver convenientemente esta modalidade do Cinema.

Animatógrafo» facilitará essa actividade acarinhando tôdas as iniciativas que procurem servir bem (qualquer que seja o seu campo) a Arte Cinematográfica.

Felicitamos os srs. Domingos Augusto Romariz e Lopes Fernandes, da ADA Filmes, e Manuel Ferraz e Elísio Coelho da SFA, pelo esplendor desta primeira sessão e ainda pelo amor que provam ter pela Cinematografia de Amadores e tôdos os portuenses que tiveram a felicidade de assistir a êste espectáculo.



Um plano do filme «Beira Mar...» produção de Jaime Valverde para a S. F. A.

«Objectiva»

Recebemos o n.° 23 (2.° da II série), da revista mensal técnica de fotografia e cinema «Objectiva», que encerra interessante e valiosa colaboração do dr. Álvaro Colaço, dr. Bernardino Saraiva, Carmelino Callaya, Rodrigues da Fonseca, João Mendes, Álvaro Antunes e Jesus Garcia nas várias secções de pleno interêsse para fotógrafos e amadores de Cinema, além de esplêndidas fotografias.

Actividade

Paralisadas por doença do operador Manuel Ferraz, vão recomeçar as filmagens do filme «Beira Mar...» realização e produção de Jaime Valverde para a S. F. A. (Sociedade de Filmes de Amadores), de que já demos notícia oportunamente.

★ António Bernardo «velho» amador de cinema pensa fazer um filme para concorrer a um dos próximos concursos do Clube Português de Cinema de Amadores.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

723 — MOCIDADE EM FLOR *(Pôrto)*. — Em primeiro lugar, apresento-te as boas vindas. Gosto do teu pseudónimo, que tem um ar muito mais primaveril do que êste Maio carrancudo, avaro de sol e pródigo em nuvens... — Registo o pseudónimo que propões para *Rapaz de Alpiarça*: Príncipe das Quimeras — Podes escrever à Glória Jean para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — Que ideia faço de ti? Que és uma rapariga encantadora! Que idade te dou? Justamente aquela que tu tens. Que empenho tenho eu em tornar-te mais velha?

724 — LUIZ XV *(Lisboa)*. — Viva Luiz XV, amigo. Que saüdades eu tinha da tua real letra, que seja a lápis, seja a tinta é sempre inconfundível e sedutora! Dizes-me que viste dois filmes muito interessantes: *Minha mulher favorita* e *Uma noiva em férias*. Faço votos porque, na vida real, encontres «uma noiva em férias» e a tornes na tua «mulher favorita». Não te aconselho a que transportes para a vida real as sugestões dos títulos dos outros dois filmes a que aludes: *Bigamia* e *Com a verdade me enganas*. E isto, claro, para evitar complicações, que no cinema são mais fáceis de resolver do que nos domínios da vida privada... — Não estou nada de acôrdo contigo, no tocante à «antipatia» que dizes ser a Helen Parrish. — E manda sempre, que eu estou aqui para te atender e receber, com o maior prazer.

725 — FREI DEMÓNIO *(Lisboa)*. — Sôbre o assunto do *Clube do Animatógrafo* escreve directamente, ao Director da nossa revista e expõe o facto de aos oito anos freqüentares o cinema, na qualidade de fervoroso admirador da sétima Arte. Êste julgará a justiça das razões que te assistem naquela pretensão. — O casamento da Deanna é um facto. Por quanto tempo, não sei... Aqui, entre nós, a «ingenuïdade» a que aludes devia ser muito hipotética. — A Maria da Graça está a responder aos seus admiradores e a enviar os retratos respectivos. Pela minha parte (e não porque tenha recebido dela qualquer sugestão nesse sentido) parece-me absolutamente justo e razoável e até lógico, (vocês pagam as fotos das artistas estrangeiras) que vocês fizessem acompanhar os pedidos das fotos duma importância (2$50 em selos de correio, por exemplo) que atenuasse os encargos que para ela representa enviar, à sua custa, fotos aos admiradores.

726 — JACINTO *(Tormes)*. — Êste leitor enviou-me o seguinte postal, que não resisto a transcrever, e no qual comenta a aparição do nosso consulente Zé Fernandes, nas colunas de «Animatógrafo»: «*Animatógrafo* ràpidamente esgotado em Tormes e Guiães. Formidável regozijo pela ressurreição de Zé Fernandes. Janelas embandeiradas, música nas ruas, fogo para o ar! Festa rija que eu animo. Formidável! Tenho o prazer de o convidar a assistir. Desde já a quinta de Tormes está ao seu dispor e também de algum amigo, mesmo estrangeiro, que se interesse pelo assunto. Que belo documentário neste cenário maravilhoso. Se não puder vir, quando eu fôr a Lisboa irei visitá-lo para lhe contar. O 202 encaixado, como S. Marcus em terras beligerantes, é agora um mundo inútil. Mas será, depois da guerra, uma casa sua em Paris. — Seu ex-corde Jacinto».

727 — FOTOGÉNICA *(Lisboa)*. — A tua carta é apenas para me dizer que há seis números que esperas resposta. *Darling*, já a deves ter recebido. Limito-te, pois, a cumprimentar-te, efusivamente.

728 — ADOLFO MENJOU *(Évora)*. — Fizeste muito bem em escrever-me novamente. — Jaime Zenóglio é português. — João Lopes, o actor dos *Fidalgos da Casa Mourisca*, morreu há cêrca de dois anos. É a êsse que te referes.

729 — PRINCIPE DA MEIA NOITE *(Lisboa)*. — Êste leitor saúda *Benjamina*, *Princesa da Selva*, *Uma garota sem Importância* «e, em especial, muito em especial» *(sic) Princesa da Meia Noite*. — Registo que a Ann Rutherford, a Deanna Durbin e a Betty Grable são as tuas vedetas favoritas.

730. — OSWALDO DE SÁ *(Algés)*. — Obrigado pelos teus bons votos. — A Deanna, de facto, já passou a «that certain age», onde as meninas-prodígio costumam sossobrar. Ao lado de Vaugham Paul, vive agora a sua «data memorável». E estou certo de que continuará a ser a «nice girl», que era até aqui, e tão «smart», como nos bons tempos em que, com o seu laçarote na cabeça e com os seus sapatinhos à bébé, nos encantava surgindo pela primeira vez na tela.

731. — APOLO, O SONHADOR. — *(Lisboa)* — Registei o teu pseudónimo, na lista dos meus consulentes. Sê bem aparecido. Não percebi muito bem o que queres dizer quando afirmas: «eu sou daqueles cinéfilos que, quando idolatram uma actriz, não sofrem influência de espécie alguma, no sentido da dama dos seus sonhos». é possível que tenhas razão... — Podes escrever à Deanna Durbin, na língua que quiseres. Mas aconselho-te a que a faças em português. — Não creio que vejamos na presente temporada *Howards of Virginia*.

750 — ARMINDO BLANCO — *(Lisboa)*. — Faço votos porque consigas fazer outra quilométrica provisão de paciência. — Experimenta solicitar da Maria da Graça, vedeta radiofónica, a foto autografada, que desejas. Podes escrever-lhe para a Emissora Nacional, Lisboa. — Registo a tua comunicação de que tem aparecido, como argumentista de vários filmes da Columbia, um tal Fred Niblo Jr., que tu supões ser filho do inesquecível cineasta da *Ben-Hur* e outras obras célebres. — É preferível deixar passar algum tempo sôbre os acontecimentos da hora que passa, para depois escreveres à Viviane Romance.

732 — ZÉ FERNANDES *(Sintra)*. — Muito tens tu viajado!? Agora, escreves-me da romântica Sintra!... Uma explicação: nem sempre a correspondência que faço para sair em determinado número é publicada nesse número. Supõe tu, por exemplo, que o original que envio para a Redacção dá três páginas. E que, pela fôrça das circunstâncias, só há uma página livre. Êsse original é *parcelado* por três números .Compreendeste, agora, Zé Fernandes amigo! — Devias estar muito desnorteado para teres assinado a carta *Zé Fernnanndes (sic)*. Se fôsses mulher, diria que era mal de amor. Mas, sendo varão, não sei a que atribuir... — Pelos filmes que me dizes ter visto, verifico que não perdeste o tempo. Eu por mim, depois de ter visto a *Balalaika* deliberei nunca mais ir ao Cinema. Porque eu e o sr. Lopo Lauer estamos convencidos de que não há outra fita como aquela...

733 — POETA CAMARADÃO *(Lisboa)*. — Êste leitor gostaria de corresponder-se com uma leitora da nossa revista. — Podes mandar a poesia. Com o maior prazer a lerei.

734 — BOB TAYLOR — *(Lisboa)*. — Registo que pela Ann Rutherford eras capaz de te atirar ao Tejo. Pom mim, costumo fazer isso quando tenho calor ou simplesmente o desejo de tomar um bom banho... — A côr de *Sinfonia dos Trópicos* era uma maravilha, apenas prejudicada pelo facto do Tivoli não estar equipado com alta intensidade. — Êste leitor sauda *Primavera*, *Primavera*, *Princesa Yolanda*, *Eterna Garota*, *I am the Queen*, *Rainha Farida* e *Loiro Strogoff* e comunica o seu desejo de trocar correspondência com *Garota de Lisboa* e *Boneca Volúvel*.

735 — DONALDA *(Lisboa)*. — Não te desconsoles, mas a tua letra é arreliadoramente indecifrável... Tive que ler duas ou três vezes certas passagens para as compreender. Mas, enfim, cheguei ao fim. — Faço votos pelas tuas melhoras e espero que muito em breve possas começar a ver os bons filmes que têm passado nos écrans de Lisboa. — O «pato refilão» continua com aquele ar «mau génio, por fora, coração de oiro, por dentro»... — Transmito as tuas saudações para o *Bob Taylor* e *I am Charles Boyer*. — E, como tu, digo: até à próxima.

736 — OLHOS GAROTOS *(Pôrto)*. — Podes escrever a Maria da Graça e Oliveira Martins, por intermédio da nossa revista. — Registo que estás disposta a corresponder-te com *Rapaz de Alpiarça*. Aguardo, pois, que êste leitor te escreva para transmitir imediatamente a tua carta.

737 — JOE MAX *(Tôrres Vedras)*. — Suponho que a Jesse Mathews esteja em Inglaterra. O Johnny Weissmuller aguarda, pela certa, que a Metro se resolva a filmar um novo *Tarzan*. Deve passear a sua plástica pelas piscinas da Cinelândia, e para se entreter lá tem a Lupe Velez, que, segundo consta, continua a fazer-lhe a vida de fel e vinagre.

738 — CONDE MISTERIOSO *(Lamego)*. — O teu sonho marvótico é muito interessante. Parece, de facto, um filme de Adolfo Coelho. — O filme *Pepé-le-Moko* foi proibido, muito embora houvesse sido autorizada a exibição da versão americana, *O Fugitivo desceu à Cidade*, pela simples razão de que os aspectos censuráveis do primeiro haviam sido atenuados na segunda e o próprio argumento foi alterado, na mesma ordem de ideias.—O conflito amoroso, base de todos os argumentos, é muitas vezes, e apenas, uma transigência com o gôsto do grande público. — O teu apêlo, não cabe nas directrizes desta secção.

739 — MANUELA *(Lisboa)*. — Gostei muito de ler a tua carta. Espero que *Animatógrafo* te continue a dar fartos motivos de interêsse. — A escola do «ângulo esquisito» passou de moda. Era um «preciosismo» desnecessário, quando não condenável. Hoje a técnica é tanto mais bela, quanto maior fôr a simplicidade de processos, que não exclue a segurança dos efeitos. — Protesto contra a tua afirmação de que só me escreverás volvidos seis meses!

740 — ESPANHOL DE RAÇA *(Lisboa)*. — Podes escrever a Maria da Graça, por intermédio da nossa revista. — Transmiti a tua carta, oportunamente. — Não precebi bem o que tu queres dizer quando «desejas ver o Animatógrafo, no ponto mais alto de Portugal». Será na Serra da Estrêla?

741 — UM ADMRADOR DE SILVIA SIDNEY *(Lisboa)* — *Acusada*, com Dolores del Rio, foi produzida pela United Artists e realizada por Thornton Freelland — W. S. Van Dyke foi, de facto, o realizador de *A Comédia dos Acusados* — Muito curiosa as tuas impressões sôbre os filmes que viste. — Êste leitor desejaria corresponder-se com *Fotogénica* e *Bijagós* e pede-me que participe que faz tôda a sua correspondência à máquina.

742 — HOMEM DE LATA — *(Lisboa)*.—De facto, na próxima época, veremos, pelo menos, cinco filmes da Judy Garland, Parabéns!

743 — GATA BORRALHEIRA. — Tive o maior prazer em tornar a ler-te. Não pus a indicação do sítio onde te encontras, para que te não possam identi-

O filme largo

(Cont. da pág. 4)

res foi, no entanto, enorme. De tal forma que o processo não teve a mínima repercussão tendo a breve trecho sido inglòriamente abandonado.

E, àparte um artifício que permitia o alargamento automático dos lados do écran, que os Cinemas de Londres Stol Regal e New Victoria utilizaram pela primeira vez em 1933, artifício a que se dá hoje o nome pomposo de «écran magnoscópico», nunca mais se pensou em alterar o formato *standard* de 35 milímetros ao filme cinematográfico.

De novo na ordem do dia

Até que agora o assunto volta a estar mais uma vez, de novo na berra.

A recente e decisiva conquista que para o Cinema representa a *mise au point* do processo sonoro «estereofónico», utilizado pùblicamente pela primeira vez na estreia de «Fantasia», o último filme de Walt Disney e conseguido à custa do registo de quatro bandas sonoras e da sua reprodução em alto falantes especiais, espalhados na sala segundo rigorosa disposição, veio de novo chamar a atenção para o uso da imagem larga, como complemento dessa nova conquista no campo sonoro.

Que se não trata duma moda momentânea, sem repercussão possível, demonstra-o o interêsse que ao assunto está dedicando o laboratório de pesquizas da Academia Americana, procedendo, com afinco, ao estudo dessa nova fórmula, que pode vir a revolucionar a indústria tanto como, não é cusado dizê-lo, quando às imagens se associou o som.

A grande vantagem dêste novo processo sôbre o «Grandeur Filme» de há doze anos é que não há necessidade de fazer a substituição, ou proceder a custosas modificações nas aparelhagens de filmagem ou de projecção, pois utilizar-se-á para isso o filme habitual de 35 m/m. A única alteração a fazer é a mudança da janela das máquinas e a substituição do sistema de objectivas, o que se torna absolutamente praticável, tanto mais se tivermos em conta o que daí advirá como valorização e importância maior ainda do espectáculo cinematográfico.

Presentemente as proporções da imagem são, aproximadamente, 4 × 5. Essa proporção, segundo o recente processo, passa a ser de 4 × 8, o que segnifica que a largura da projecção aumenta considerávelmente. Afirmam os técnicos que o resultado prático dum tal método só hoje é possível, especialmente pela qualidade das novas emulsões, de grão finíssimo, permitindo uma ampliação extrema da imagem

Como dissemos já, o formato das imagens — o quadrado, ou *frame* da designação americana — é o mesmo de hoje, sendo conseguido êsse alargamento e o conseqüente abaixamento da imagem projectada por meio de dois *caches*, um colocado na parte superior e o outro na parte inferior, da janela.

Uma outra vantagem, a que se liga também a devida importância, é a que diz respeito ao aparelho visual do espectador.

O ângulo normal de visão anda à roda de cinqüenta e sete graus, ao passo que a imagem cinematográfica, com as dimensões actuais do filme, não vai além de 22 graus, o que determina uma concentração de visão. Pelo contrário, o écran largo evitará, pela sua maior superfície panorâmica, uma concentração intensa num espaço fixo e relativamente restrito.

O grande problema, a enorme modificação que a prática dêste processo pode vir a causar, reflecte-se por assim dizer, exclusivamente no que respeita a produção. Realmente não é difícil de calcular as modificações, as alterações de métodos de trabalho, no que se refere às operações de «decoupage», de direcção, ao problema das decorações e por assim dizer a quási tôdas as demais fases da realização dum filme.

F. R.

Janet Chapman



O miúdo: *Mais uma glória cá para a «classe»*...

O desafio de foot-ball

(Cont. da pág. 12)

A superioridade do «team» estrangeiro explica-se pois alguns dos jogadores são desportistas com prática do futebol, pois o Morais Ferreira, o Narcizo e o Nascimento jogam o «basket-ball»; e o Quintino e o Eugénio praticam o «hockey» em patins. Antes do jôgo constou que Carvalho dos «estrangeiros» e Gorky e Ideberto dos «nacionais» sabiam jogar o futebol mas depois provou-se que era intriga. Também no grupo dos «nacionais» alinhou Araújo, que era para «meter mêdo» aos adversários, mas a tática não deu resultado.

Depois do desafio os jogadores foram todos lavados e passados a ferro, a fim de servirem outra vez, e reuniram-se num almôço, onde o sr. Francisco Silva, empresário dos cinemas Cinearte e Europa entregou a Taça que tinha o nome daqueles cinemas aos vencedores.

PÂNDEGO DE OLIVEIRA

O Correio de "Bel Teneboso"

(Cont. da pág. 17)

ficar. — Faço ideia como te custará estar aí, privada do Cinema, o teu divertimento favorito. — *Gata Borralheira* pede-me que transmita a *43 A* que acede a corresponder-se novamente com êle, por meu intermédio. — Transmito as tuas saudações a *Bob Taylor, Eterna Garota, Doido com Juízo* e *Shirley Aviadora*.

745 — DOIDO DO AR *(Lisboa)*. — Transmiti o teu desejo de veres publicado em separata uma boa foto da Betty Grable. E deixa-me dizer-te que secundei, com entusiasmo, o teu pedido. Porque também acho a Betty um verdadeiro encanto. — Deligenciarei obter as canções de *Down Argentina Way*.

746 — DOIDO POR FOX *(Redondo)*. — Não me faças cenas de ciume, a propósito «dos felizardos que têm respostas em todos os números», nem tão pouco as afirmações de «que eu estou no meu direito de responder, a quem eu quiser»... Isso não é para nós, amigo. Desisto de reeditar, a êsse respeito, o que aqui tenho dito. — Folgo por que *De Braço Dado* e *O Feiticeiro do Oz* te hajam devado a modificar a tua opinião sôbre a Judy. De facto, ela é uma artista encantadora e cheia de personalidade. Tão grande artista, ou maior, de que a própria Deanna. — Não me surpreende que *Pão Nosso* te tenha desgostado! Eu não sou alentejano e fiquei desolado. — Deanna Durbin em regra, só envia a foto, cujo pedido fôr acompanhado da remessa de dinheiro. Mas não a culpes, por êsse facto. Porque se trata duma determinação da firma que a tem sob contrato.

747 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal)*. — Respondo a duas cartas e um postal, ao mesmo tempo. — Não creio no que me dizes, com respeito ao Tomaz Alcaide. Pelo contrário, tenho a impressão de que êle tem, entre nós, inúmeras admiradoras. Sob o ponto de vista artístico, pena é que êle tenha acedido a registar certos discos, com certas canções, que só o prejudicam. Mas não deixa, por isso, de ser, em certas óperas, o melhor intérprete do mundo. Êle canta *O Pescador de Pérolas* e a *Lakmé* como ninguém. — O Herbert Marshall perdeu na guerra uma das pernas. Utiliza uma artificial aperfeiçoadíssima. É preciso que seja um grande artista para dominar a situação e para que os estúdios o contratem, tanto mais quanto é certo que o facto obriga a certos «truques» de tomada de vistas. — Esta leitora acede a corresponder-se com *43-A* desde que seja o primeiro a escrever-lhe e agradece e retribui as saudações de *Mickey Rooney*. — A Ann Sothern é uma artista cheia de personalidade. Talvez demasiado «canaille» para o paladar do público europeu. — A Miliza Korjus é uma cantora admirável. Se ouvires *A Grande Valsa* numa boa aparelhagem ficarás deslumbrada. — Transmito os teus cumprimentos a *Balalaïka, Saüdade, Fotogénica, Exilado do Mondego, Luiz XV* e *Bob Taylor*. — Muito graciosos os versos que me enviaste.

748 — MORENO SIMPÁTICO *(Angola)*. — Saúdo em ti todos os leitores de *Animatógrafo* que vivem em Angola, orgulho do Continente. — Transmiti o teu pedido de publicação da foto de Cary Grant.

Bel-Teneboso

Feira das Fitas

(Cont. da pág. 15)

meira ordem, o que não admira pois nele colaboraram os elementos de primeira fila da R. K. O. — D. M.

«O CONDE DE CHICAGO»

(The Earl of Chicago)

Estamos diante duma das obras mais estranhas e dificultosas que o cinema se tem abalançado a fazer. Estranheza e dificuldade que não têm qualquer parentesco exterior com a estranheza e a dificuldade de «As Mãos e a Morte», por exemplo, onde a acção não é servida por qualquer aparência espectacular, mas que provêm exactamente do mesmo anseio: exprimir pela imagem sentimentos de formação interior muito complexa, e que se traduzem, no diálogo, pelas palavras mais simples dêste mundo.

A história do *gangster* que herda um condado inglês e que, na própria condenação à morte por enforcamento, conserva tôdas as suas prerrogativas de nobreza — é um «caso», um problema que requere pulsos enérgicos e firmes para o transportar à tela.

Victor Saville, o produtor, e o realizador Richard Thorpe estiveram à altura das circunstâncias. A reconstituïção da Câmara Alta de Londres, funcionando como supremo tribunal, para julgar um Lord autêntico acusado de homicídio voluntário, é uma das mais impressionantes reconstituïções cénicas do cinema. Excede mesmo a do Senado americano de «Peço a Palavra!», pois tinha contra si a impossibilidade de aguentar a mínima deficiência ou ridículo, cuja ocorrência seria suficiente para deitar com todo o filme a terra. E nada disso aconteceu, antes pelo contrário.

A interpretação é de condigna qualidade, destacando-se, acima de todos, o assombroso Edward Arnold — talvez o actor de mais poderosa e impressionante «presença» do cinema universal.

Robert Montgomery dá, como é sabido, o cavaquinho por interpretar papéis de criminoso e de tarado, como êste ou o do «Poder das Trevas» *(The Night must fall)*. Confessamos que o preferimos sob o seu aspecto ligeiro, e que consideramos «O Perseguidor de Saias» *(Peticoat Fever)* a sua melhor criação. Mas a figura do Conde de Chicago é ultra-difícil e Montgomery merece os 16 valores que apanham todos os meninos muito estudiosos que passam os exames com distinção. — A. L. R.

VAMOS VÊR SEXTA-FEIRA NO EDEN

JACK BENNY

E

ELLEN DREW

Numa fantasia de grande classe

POR SUA DAMA

(BUCK BENNY RIDES AGAIN)

Com dois extraordinários bailarinos
OS NEGROS

CARMICHAEL and ROCHESTER

E

ANDY DEVINE, PHIL HARRIS, Virginia Dale, Lilian Cornel e Denisis Day

UMA PRODUÇAO DA
PARAMOUNT com quatro canções de grande êxito:

"Say it Over and Over Again"
"My! My!"
"My King O'Country"
"Drums in the Night"

UM FILME ALEGRE E DIVERTIDO

Realizado por MARK SANDRICH





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Vamos ver brevemente GARY COOPER na «super-produção» «A ÚLTIMA FRONTEIRA», da Sonoro-Filme

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: HENRY FONDA